

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO

LUÍSA TEIXEIRA MENDONÇA

**FONTES INFANTIS: UMA ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES DAS CRIANÇAS
EM TELEJORNAIS LOCAIS DO GRUPO GLOBO NO PERÍODO DE PANDEMIA
DE COVID-19**

PORTO ALEGRE

2023

LUÍSA TEIXEIRA MENDONÇA

**FONTES INFANTIS: UMA ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES DAS CRIANÇAS
EM TELEJORNALIS LOCAIS DO GRUPO GLOBO NO PERÍODO DE PANDEMIA
DE COVID-19**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Thais Helena Furtado

PORTO ALEGRE

2023

CIP - Catalogação na Publicação

Mendonça, Luísa Teixeira

Fonte infantil: uma análise das representações das crianças em telejornais locais do Grupo Globo no período de Pandemia de Covid-19 / Luísa Teixeira Mendonça. -- 2023.

78 f.

Orientadora: Thais Helena Furtado.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de Jornalismo, Porto Alegre, BR-RS, 2023.

1. Crianças. 2. Pandemia. 3. Telejornal. 4. Análise de Discurso. I. Furtado, Thais Helena, orient. II. Título.

LUÍSA TEIXEIRA MENDONÇA
FONTES INFANTIS: UMA ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES DAS CRIANÇAS
EM TELEJORNAIS LOCAIS DO GRUPO GLOBO NO PERÍODO DE PANDEMIA DE
COVID-19

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
à Faculdade de Biblioteconomia e
Comunicação da Universidade Federal do Rio
Grande do Sul como requisito parcial à
obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

Aprovado em:
BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Thais Helena Furtado – UFRGS
Orientadora

Prof^a. Dr^a Ana Gruszynski – UFRGS
Examinadora

Prof. Dr Felipe Moura de Oliveira – UFRGS
Examinador

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, às pessoas que foram e ainda são a minha rede de apoio durante toda a vida e não apenas nesses quatro anos de intensos estudos. Muito obrigada minha mãe, Anita, e minhas irmãs Ísis, Cecília e Melissa, a família de onde eu vim, que são os meus pontos de força e de alegria. Mãe e Ísis, obrigada por serem meu exemplo de amor incondicional e de acolhimento e por sempre me receberem, tantas vezes, depois que eu saía da faculdade, com um bom café da tarde, acompanhado de boas risadas. Agradeço imensamente também por todas as vezes que se disponibilizaram a ficar com as crianças para que eu pudesse ir para a aula.

Agradeço à família que eu construí e que são força motriz no meu dia a dia. Meus filhos, muito obrigada por cada ensinamento que vocês me passam, aprendo todos os dias como ser mãe com vocês. Giulia e Bernardo, vocês são filhos incríveis, muito obrigada por compreenderem a minha ausência para que eu pudesse me dedicar aos estudos. Muito obrigada, Diego, meu amor, por todo o carinho e apoio diário e por sempre torcer pelo meu sucesso. A finalização dessa etapa é resultado da nossa grande parceria e companheirismo.

Aos amigos que fiz nessa trajetória, também agradeço por todas as trocas. Grégorie, Laíse e Mari, ter conhecido vocês foi um grande presente. Agradeço, especialmente à Thais Furtado, minha orientadora, por todos os ensinamentos ao longo da faculdade, desde a minha primeira reportagem, até a conclusão deste trabalho. Você foi fundamental para a minha evolução como jornalista. Agradeço também aos professores da minha banca, Ana Gruszynski e Felipe Moura, por aceitarem participar desse momento e por tudo que aprendi com vocês em sala de aula. São grandes referências para mim.

Por fim, agradeço aos meus guias espirituais e a corrente do Templo União da Luz, que me ajudaram no fortalecimento da minha fé. Em dias estressantes, me lembraram que não estou sozinha e em dias de angústia me trouxeram palavras de conforto, acalmando o meu coração. Axé.

RESUMO

Esta pesquisa busca compreender como crianças foram representadas em telejornais locais do Grupo Globo, durante o período da pandemia de Covid-19. Para alcançar esse objetivo, foram selecionadas doze reportagens de diferentes temáticas no período de agosto de 2021 a março de 2022 que compuseram o corpus do trabalho. A partir da metodologia da Análise de Discurso (AD) francesa, foram identificadas oito Formações Discursivas (FD) presentes nas matérias analisadas: 1) Criança fragilizada, 2) Criança corajosa, 3) Criança que brinca, 4) Criança tecnológica, 5) Criança sob tutela, 6) Criança desprotegida, 7) Criança sem legitimidade, e 8) Criança sem identidade. A partir do resultado da pesquisa, é possível afirmar que as crianças têm pouco tempo concedido para suas falas e persiste uma falta de preparo do jornalista para entrevistá-las. Diante das análises das FDs, a criança é representada como um sujeito vulnerável, mas, ao mesmo tempo, corajoso, que deve ter sempre um adulto por perto que a gerencie. É também representada como uma criança com a presença da tecnologia em sua infância e também como um sujeito com pouca maturidade para desenvolver uma conversa interessante. Realizada a análise, é possível concluir que as oito FDs encontradas podem ser separadas em dois grandes eixos de sentido, sendo um o eixo que representa a criança que é considerada cidadã e o outro, em que a criança não é considerada cidadã.

Palavras-chave: Telejornalismo; crianças; infância; pandemia; Análise de Discurso

ABSTRACT

This research seeks to understand how children were represented in local TV news programs of the Globo Group during the Covid-19 pandemic. In order to achieve this goal, twelve reports on different themes were selected from August 2021 to March 2022, which made up the corpus of the work. Using the French Discourse Analysis (DA) methodology, eight Discursive Formations (DF) were identified in the articles analyzed: 1) Fragile child, 2) Courageous child, 3) Child who plays, 4) Technological child, 5) Child under guardianship, 6) Unprotected child, 7) Child without legitimacy, and 8) Child without identity. Based on the results of the research, it is possible to state that children are given little time to speak and that journalists are still ill-prepared to interview them. Based on the analysis of the DFs, the child is represented as a vulnerable subject, but at the same time brave, who must always have an adult around to manage them. They are also represented as a child with the presence of technology in their childhood and also as a subject with little maturity to develop an interesting conversation. Once the analysis has been carried out, it is possible to conclude that the eight DFs found can be separated into two main axes of meaning, one axis representing the child who is considered a citizen and the other, in which the child is not considered a citizen.

Keywords: Telejournalism; children; childhood; pandemic; Discourse Analysis

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – SD 11.....	44
Figura 2 – SD 15.....	44
Figura 3 – SD 32.....	46
Figura 4 – Certificados de superproteção.....	49
Figura 5 – Zé Gotinha.....	50
Figura 6 – SD 29.....	50
Figura 7 – SD 29.....	51
Figura 8 – SD 56.....	54
Figura 9 – SD 69.....	57
Figura 10 – SD 47.....	58
Figura 11 – SD 73.....	61
Figura 12 – SD 80.....	61
Figura 13 – SD 82.....	62
Figura 14 – SD 57.....	66

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Formações discursivas e sequências discursivas	38
Tabela 2 – Características das reportagens	39

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	CRIANÇAS COMO FONTES.....	14
2.1	Fontes jornalísticas.....	14
2.2	Fontes infantis.....	18
3	REPRESENTAÇÃO DAS CRIANÇAS E ENQUADRAMENTOS.....	22
3.1	Representação social.....	22
3.2	Representação em telejornais.....	26
4	METODOLOGIA: ANÁLISE DO DISCURSO.....	31
4.1	Procedimentos metodológicos.....	34
4.1.1	<i>Corpus Empírico.....</i>	<i>35</i>
5	ANÁLISE: A REPRESENTAÇÃO DAS CRIANÇAS NOS TELEJORNAIS....	38
5.1	Criança fragilizada.....	41
5.2	Criança corajosa.....	47
5.3	Criança que brinca.....	52
5.4	Criança tecnológica.....	55
5.5	Criança sob tutela.....	58
5.6	Criança desprotegida.....	62
5.7	Criança sem legitimidade.....	63
5.8	Criança sem identidade.....	67
5.9	Considerações sobre a análise.....	69
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	71
	REFERÊNCIAS.....	75

1 Introdução

Sempre me interessei sobre o que as crianças pensam sobre o mundo, e isso se tornou mais evidente depois que me tornei mãe. Essa perspectiva provocou em mim a vontade de aliar a minha pesquisa às crianças, sendo elas o meu foco principal. Por isso, pensei na seguinte temática: crianças como fontes jornalísticas. Durante o isolamento social, vivi um período de intenso contato com os meus filhos. Isso também aconteceu com muitas famílias, que se viram em trabalho remoto e com as crianças longe da escola, em casa. Na pandemia, o isolamento foi um fenômeno social que afetou muito a rotina de todas as famílias e deixou em evidência as questões que envolviam as crianças, como aconteceu comigo.

Mas, se o isolamento social afastou as pessoas, também aproximou as famílias dentro de suas próprias casas. Nesse período, as necessidades das crianças ficaram mais explícitas. Segundo o Fundo Internacional de Emergência das Nações Unidas para a Infância, UNICEF (2021), crianças, adolescentes e jovens poderão sentir o impacto da Covid-19 em sua saúde mental por muitos anos, e o aumento da pobreza de aprendizagem, resultado do isolamento social, pode ter um impacto devastador na produtividade futura. Foi nesse período que comecei a perceber que quase não apareciam crianças como fontes nos telejornais.

Um dos elementos mais importantes na construção dos produtos jornalísticos é a consulta às fontes. Segundo Reginato (2019), uma das doze finalidades do jornalismo é apresentar a pluralidade da sociedade, podendo isso ajudar o leitor a formar a sua opinião. Sendo assim, devem estar presentes em produtos jornalísticos o máximo de pontos de vista possíveis a respeito do tema abordado. As fontes são quem dão o tom das reportagens e demonstram de que forma a realidade está sendo vista e explicada.

A partir disso, comecei a me perguntar quem é ouvido pelos repórteres. Por isso, a fonte foi uma das abordagens escolhida nesta pesquisa, relacionada à presença ou ausência das crianças no jornalismo. As crianças são parte integrante da sociedade, são dotadas de opiniões e têm sua visão de mundo em construção, assim como os adultos, e, portanto, precisam fazer parte da diversidade que o jornalismo deve apresentar. No entanto, vários estudos têm apontado que as crianças raramente são escolhidas como fonte no jornalismo e, quando são, aparecem rapidamente ou são representadas por intermédio de um porta-voz representado por um adulto.

Marôpo (2015) refere-se a uma perspectiva adultocêntrica no desenvolvimento humano que exclui dos produtos jornalísticos, na maioria das vezes, a opinião de crianças em assuntos que lhes dizem respeito. “Predomina uma representação das crianças e jovens como vítimas, recipientes das políticas governamentais ou alvo de cuidados ou de preocupação. Os adultos sobrepõem os seus pontos de vista e as crianças são silenciadas enquanto sujeitos de interesse político e social” (MARÔPO, 2015, p. 5). As crianças, portanto, aparecem de forma estereotipada nos produtos jornalísticos. “Além disso, quando as crianças conseguem falar por elas mesmas, passam a ter mais confiança. Portanto, incluir a voz das crianças em notícias e reportagens é uma forma de o jornalismo fortalecer esse grupo e, ao mesmo tempo, ter novas perspectivas sobre o mundo.” (FURTADO, GARCIA, BRESSAN, 2022, p.3).

Durante a pandemia de Covid-19, devido ao isolamento social, tanto crianças como adultos consumiram por um período muito grande os conteúdos de streaming e de canais da tv aberta. As crianças passaram a assistir mais programas de televisão ao lado dos seus pais. “Delorme (2008), por exemplo, ao pesquisar crianças e sua relação com a televisão, identificou que elas “detestam” os telejornais. Entretanto, elas contam que ficam brincando perto da televisão na hora em que os adultos assistem ao telejornal” (FURTADO, GARCIA, BRESSAN, 2022, p.3). Esse contato da criança com a mídia, faz com que ela veja, escute e interprete o mundo aos olhos de quem está falando, que na grande maioria das vezes é um adulto. É importante tanto para o desenvolvimento da criança, quanto para o desenvolvimento da sociedade, que as crianças compreendam questões que dizem respeito a ela.

Diante desse cenário, uma análise da presença (ou ausência) de crianças como fontes no jornalismo se justifica, já que elas ficaram mais expostas aos conteúdos televisivos e deveriam se sentir representadas no telejornalismo, que trata de questões que dizem respeito a suas vidas. Por conta dessa exposição, a plataforma Globoplay, que comporta os conteúdos do grupo Globo de televisão, foi escolhida para a análise do estudo aqui proposto. Os telejornais foram escolhidos como corpus porque trazem notícias e reportagens bem atuais. Além disso, minha escolha também levou em consideração o acesso das crianças a esse veículo de informação, pois muitas delas ainda estão em fase de alfabetização, e, por isso, não têm condições de consumir jornais impressos ou revistas.

A escolha pela plataforma de streaming Globoplay, da qual sou assinante, se deve ao fato de ela oferecer uma vasta aglutinação de conteúdos jornalísticos

televisivos, unindo produtos jornalísticos de todas as afiliadas que a Globo tem pelo Brasil. Essa escolha também foi baseada no fato de a Rede Globo ser o maior grupo de telecomunicações do Brasil. Portanto, levando em consideração a pandemia, a força do canal de streaming escolhido, a importância das fontes jornalísticas e das crianças na sociedade contemporânea, apresento o seguinte problema de pesquisa: **Como as crianças foram representadas em telejornais locais do grupo Globo no período da pandemia?** Para responder a essa questão, foram analisados telejornais das afiliadas da Rede Globo disponíveis no Globoplay, durante o período de agosto de 2021 a março de 2022. O acesso a esses telejornais se deu pelo resultado da busca na plataforma da combinação das palavras-chave, “crianças e pandemia”.

A partir dos resultados encontrados, foram analisados os telejornais locais que utilizaram crianças como fonte. Foram escolhidos veículos locais pois esse formato de telejornal traz com mais detalhamento e proximidade o cotidiano e a vida na comunidade, enquanto jornais nacionais, devido a sua grande abrangência, mostram uma visão macro da sociedade. Já a escolha do período analisado se justifica por sua proximidade com a data de volta às aulas presenciais, passando pelo período de início da vacinação infantil contra a Covid-19. Esses dois eventos têm conexão direta com as crianças e, portanto, espera-se que sejam noticiados. Nesta pesquisa, serão consideradas crianças aquelas que apresentam idade de até 12 anos incompletos, com base no art. 2º do Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA.

Considerando todos os aspectos expostos, o objetivo geral deste estudo é: **Verificar como as crianças são representadas nas matérias jornalísticas de telejornais regionais do grupo Globo.** Para atingir esse propósito, a pesquisa tem os seguintes objetivos específicos: a) apresentar a importância das fontes para o jornalismo e, especialmente, das crianças como fonte; b) compreender o contexto, as imagens utilizadas e em que situações as crianças apareceram em telejornais locais durante a pandemia; e c) Identificar o tempo de fala destinado para as crianças e o conteúdo produzido pelos telejornais.

Para cumprir com esses objetivos, este estudo está assim organizado: no capítulo dois, trato da forma como o jornalista elege quais fontes irá utilizar, trazendo diferentes tipificações, tendo como referência as classificações de Schimitz (2011) e Lage (2005). Além de explicar sobre qual a posição do jornalismo quando o assunto são crianças. No capítulo três, busco esclarecer a importância das crianças serem representadas de formas diversas e não baseada em estereótipos. Trago uma

discussão sobre representações sociais e os reflexos dessa leitura no telejornalismo. No capítulo quatro, descrevo o percurso metodológico e explico sobre como se deu a escolha do método aplicado, a Análise do Discurso de linha francesa, caracterizando o corpus empírico e explicando o funcionamento da metodologia. No capítulo cinco, apresento a análise e os procedimentos aplicados, compartilhando os resultados encontrados. E, por último, no capítulo seis trago as considerações finais desta pesquisa.

Este estudo se propõe a contribuir para o campo comunicacional e para a comunidade científica, pois, entre minhas buscas para delimitar o tema, encontrei muitos artigos analisando fontes infanto-juvenis em jornais impressos e revistas, enquanto o audiovisual ainda carece de uma maior análise e estudo.

2 Crianças como fontes

Neste capítulo, irei contextualizar e refletir sobre a importância da fonte no jornalismo, suas definições e classificações, assim como tratarei da relação do jornalismo com as fontes infanto-juvenis.

2.1 Fontes jornalísticas

Para girar a engrenagem do jornalismo, uma das etapas mais importantes na construção de seus produtos é a consulta à fonte. A palavra fonte, de acordo com o dicionário da Língua portuguesa Michaelis, pode ter vários significados. Entre eles, nascente ou local de origem de alguma coisa. No jornalismo, as principais¹ fontes são aquelas pessoas ou grupos de pessoas de quem os jornalistas coletam informações a partir de entrevistas. Essas fontes precisam ter algum tipo de relação direta ou indireta com o fato que está sendo reportado. Essas informações podem ser dadas de forma identificada ou anônima, podendo também a fonte ser considerada confiável ou duvidosa (SCHMITZ, 2011).

Para os jornalistas, qualquer pessoa pode ser uma fonte de informação. Uma fonte é uma pessoa que o jornalista observa ou entrevista e que fornece informações. Pode ser potencialmente qualquer pessoa envolvida, conhecedora ou testemunha de determinado acontecimento ou assunto. (TRAQUINA, 2012, p.190).

Um dos primeiros registros a respeito da existência de fontes jornalísticas estão presentes na primeira tese sobre jornalismo, de Tobias Peucer, em 1690, em que ele aborda sobre a importância de ouvir várias pessoas para confirmar a veracidade de uma informação. Com o desenvolvimento das instituições jornalísticas e a constituição do jornalismo como uma indústria, no final do século XIX, os veículos de comunicação passaram a se vincular a áreas políticas, econômicas, sociais e culturais. Dessa

¹ Existe uma diferenciação entre fontes humanas e não humanas, que são chamadas de documentais. De acordo com Gehrke (2018, p. 27), o jornal Folha de S. Paulo, por exemplo, “enumera quatro tipos (de fontes) que exigem diferentes procedimentos a serem adotados pelos jornalistas durante o processo de pauta e reportagem. A saber: a fonte tipo zero tem tradição de exatidão, caso de enciclopédias e documentos emitidos por instituições credíveis”. Outros autores, como Alcântara, Chaparro e Garcia (2005), também elencam e caracterizam entre diferentes tipos de fontes, as que se enquadram nas categorias documentais e bibliográficas. (GEHRKE 2018). Dito isso, no entanto, essa pesquisa se concentra apenas em fontes humanas em razão de uma conexão mais direta com o tema proposto.

forma, o ambiente jornalístico começou a lidar com diferentes facetas de interesses, e as interações entre repórter, fonte e poder público se tornaram mais complexas. Essa maneira como o jornalismo se estruturou com relação às fontes criou uma espécie de preferência por determinados grupos sociais que se sobressaem com relação a outros, classificando as fontes como mais importantes e menos importantes (SCHMITZ, 2011). A classificação das fontes, segundo Lage (2005), é setorizada em grupos e subgrupos conforme determinadas características. Podem ser definidas como oficiais, oficiosas, independentes, primárias, secundárias, testemunhas e experts. As fontes oficiais, por exemplo, são as mais utilizadas pelos repórteres e, teoricamente, consideradas as mais confiáveis. Estão representadas através dos órgãos do governo, sindicatos e empresas. As fontes oficiais são as que têm conhecimento do assunto que está sendo tratado e estão autorizadas a falar em nome de uma instituição.

De acordo com o autor, as fontes oficiosas e independentes ficam em segundo plano. As fontes oficiosas normalmente têm conhecimento, mas não estão autorizadas a falar em nome de uma instituição, por isso seriam menos confiáveis. Entretanto, as fontes oficiais também têm mais motivos para não falar abertamente sobre algumas temáticas, pois têm fortes interesses. Para Lage (2005), as fontes independentes são as que não têm interesse direto em relação ao tema reportado, embora se saiba que toda a fonte é interessada de alguma forma. A imagem da atualidade é uma combinação dos fatos que as fontes interessadas fornecem e uma neutralidade questionável que os meios apresentam quando estão pensando na audiência (GOMIS, 2004).

Lage (2005) classifica também as fontes como primárias e secundárias, que determinam o que é essencial para uma matéria. Segundo Schmitz (2011), fontes consideradas primárias são aquelas que estão próximas da origem da informação, ou que têm relação direta com o acontecimento, geralmente definidas como credíveis e que dão a essência de uma matéria. Já as fontes secundárias são aquelas que complementam e contextualizam a matéria, podendo ser, por exemplo, pesquisadores e especialistas que analisam e comentam sobre o assunto e, por muitas vezes, são consultados para a preparação de uma pauta e podem dar respaldo para o jornalista contrapor as informações fornecidas pelas fontes primárias.

Na produção de notícias, o jornalista se baseia no conhecimento e depoimento das fontes para compreender os acontecimentos e construir suas matérias. Existem

também as fontes documentais, como livros, pesquisas ou arquivos documentais. Essa é a forma que os profissionais têm de mediar a realidade para levar informação de um lugar a outro. Os critérios para determinar a categoria em que cada fonte se enquadra não são fruto do acaso e estão naturalizados dentro das redações. Para Neveu (2005), a noção de definidor primário existe em todos os domínios da vida social e é atribuída a fontes com credibilidade, devido à sua representatividade. No entanto, o autor classifica os definidores secundários, com base em um estudo de Hall (1978), como agentes com pouco peso social, o que difere da forma como classificam Schmitz (2011) e Lage (2005).

As rotinas jornalísticas levam a imprensa a procurar, em primeiro lugar, as informações nesse tipo de fontes, que detêm, a partir daí, o poder de definir a situação, de a enquadrar. Os definidores secundários (associações, porta-vozes de comunidades) caracterizam-se aqui pela sua marginalidade e pouco peso social, que limitam o aproveitamento por parte dos meios de comunicação social dos seus argumentos para contestar a definição de problema elaborada desta forma. (NEVEU, 2005, p. 73).

Dentro dessas categorias pré-determinadas, Schmitz (2011) também separa as fontes de acordo com um conjunto de atributos, dividindo-as em grupos, sendo eles: oficial, empresarial, institucional, popular, notável, testemunhal, especializada e referencial.

Uma pesquisa apresentada no livro “Fontes de notícia: ações e estratégias das fontes no jornalismo”, de Aldo Schmitz (2011), demonstra que, para os jornalistas brasileiros, as fontes mais valorizadas são as especializadas, nas quais apontam um grau de confiança de 73%, seguida por fontes de referência, com um grau de confiança de 71%. Fontes consideradas de referência estão relacionadas à bibliografia consultada, como arquivos documentais, artigos científicos, produções tecnológicas ou culturais, dossiês e demais documentos que fundamentam a narrativa da pauta. Essa predileção, segundo Neveu (2005), resulta em um trabalho de circuito fechado e chama a atenção para a dificuldade do jornalismo em ser receptivo para ouvir novas vozes. Além de um vício na titularidade de quem ocupa posição de destaque, sem a possibilidade de inversão.

O processo de encontrar fontes adequadas para o que se quer falar passa por um treinamento do jornalista. Ainda na faculdade, se aprende a importância das fontes oficiais. No entanto, como já dito, fontes oficiais podem distorcer a realidade em benefício próprio. “Fontes oficiais, como comprovam autores de todas as épocas,

falseiam a realidade. Fazem isso para preservar interesses estratégicos e políticas duvidosas, para beneficiar grupos dominantes, por corporativismo, militância, em função de lutas internas pelo poder” (LAGE, 2005 p. 63). Desse modo, assim como hierarquizar fontes é necessário, também é necessário ter ponderação. A rotina das redações e o imediatismo das notícias alimentam vícios na profissão.

O acesso às fontes, por outro lado, é influenciado pela rotina das redações. Devido à necessidade de obter informações com credibilidade, de modo a legitimar o processo produtivo e o conteúdo a ser veiculado no menor tempo possível, os jornalistas acabam procurando as informações em fontes às quais têm acesso mais fácil. (DE CARVALHO ROCHA; AMARANTE, 2005, p. 3).

Essa dependência de concentração em fontes pré-definidas dificulta a inclusão de outros discursos necessários, como o das crianças, que é o tema de discussão desta pesquisa. Elas raramente são vistas como fontes primárias e credíveis. São consideradas pelo jornalista e também pela sociedade, a partir de um senso comum, por não possuírem legitimidade em seus discursos. “Conseqüentemente, a defesa das suas perspectivas no debate público é quase sempre mediada por adultos.” (MARÔPO, 2015, p.7)

Como já apontado, segundo Gisele Reginato (2019), uma das doze finalidades do jornalismo é apresentar a pluralidade da sociedade, podendo isso contribuir com a formação da opinião pública. Dessa forma, deve-se obter o máximo de pontos de vista possíveis sobre o tema em questão. “O discurso jornalístico é por definição plural. Logo, seria de se esperar que o texto jornalístico expressasse, ao menos em parte, a pluralidade de visões sobre um determinado tema, mas nem sempre é o que acontece” (BENETTI, 2007).

A pluralidade, que abrange diferentes grupos sociais, para ser alcançada, precisa vencer um sistema de produção de notícias engessado. Os jornalistas sendo agentes ativos na construção da realidade têm responsabilidade sobre a ampliação do número de fontes ouvidas e da diversificação dessas fontes. As teorias estruturalista e interacionista, por exemplo, defendem a ideia de que o jornalista é fundamental na construção social e vão contra o pensamento de que o jornalista é um observador passivo.

A partir dos anos 60 e 70, marcados por novas interrogações e por inovações metodológicas, emergem duas teorias que partilham o novo paradigma das notícias como construção social - as teorias estruturalista e interacionista, são

sobretudo complementares, mas divergem em alguns pontos importantes. Ambas teorias rejeitam a teoria do espelho e criticam o “empirismo ingênuo” dos jornalistas. Para ambas as teorias, as notícias são o resultado de processos complexos de interação social entre agentes sociais: os jornalistas e as fontes de informação; os jornalistas e a sociedade; os membros da comunidade profissional, dentro e fora da sua organização. (TRAQUINA, 2012, p. 173).

As fontes são um guia para o desenvolvimento de um produto jornalístico. O depoimento de quem é entrevistado é o que molda o que será publicado para o público. O jornalista mapeia a realidade a partir do conhecimento das fontes. Ele busca a informação em uma pessoa ou em um lugar para levar a outras pessoas a informação verificada por ele (SCHMITZ, 2011). Dessa forma, o jornalismo tem o poder transformador de amplificar vozes. Entretanto, o que se percebe é que existe uma preferência na busca de quem deve falar. Normalmente são os grupos que detém poder e que conseguem se organizar socialmente os mais ouvidos pelos repórteres. E não importa qual o assunto, adultos são a predileção. Ao passo que adolescentes, crianças e idosos não estão no mesmo patamar. Mesmo que as pautas tratem de temáticas que envolvam crianças, o jornalista vai preferir falar sobre elas e não com elas.

2.2 Fontes Infantis

Crianças são participantes ativos da sociedade tanto quanto adultos. Falam, expressam opinião, criam e transformam espaços com a sua presença. No entanto, ainda que façam parte do mesmo espaço social, raramente são ouvidas. Mesmo em lugares em que a sua presença é maioria, como nas escolas, por exemplo, as crianças vivenciam diariamente as limitações nas decisões sobre questões importantes para as suas vidas. Crianças, em geral, não são consultadas sobre problemáticas sociais. O reflexo disso reverbera em muitas camadas sociais, entre elas a do jornalismo.

À medida que o tratamento da infância dentro do jornalismo é analisado também pelo viés da classe social, a visão de que crianças não possuem autoridade se agrava. De acordo com Cristina Ponte (2005), os media tendem a ver as crianças que crescem nos meios urbanos pobres ou como vítimas ou como criminosos. Sendo assim, Ponte reforça que quando se reconhece a criança dessa maneira se esquece o que significa ser criança de uma forma mais ampla. O que ocorre é uma supervalorização de uma dimensão da infância, ignorando todas as outras da vida em

sociedade. Deixando para trás tantas outras características inerentes à essa fase da vida. Além disso, ao noticiar matérias com crianças, as histórias e as imagens publicadas estão sob o risco de perder o seu verdadeiro significado social quando volta-se ao apreço pela audiência, assegurado pelo caráter sentimental que a infância carrega (PONTE, 2005).

Devido ao seu estatuto minoritário e a constrangimentos impostos pelo sistema de produção do jornalismo, é reservada às crianças, frequentemente, uma representação noticiosa restrita a valores-notícia como a morte (vítimas) ou a infração (delinquência), num retrato estereotipado criticado por inúmeros estudos. (MARÔPO, 2015, p.6)

Seguindo esse olhar social, os critérios utilizados para definir o conteúdo das notícias que vão ao ar nos telejornais – sejam elas quais forem – também correspondem a uma lógica econômica. “São incluídos no noticiário os acontecimentos noticiosos que julgam ser do maior interesse para o maior número de público” (TRAQUINA, 2012, p.158). Dessa forma, a produção jornalística produzida por adultos e direcionada à adultos, em sua maioria, não se ocupa em atingir outros agentes sociais, como é o caso das crianças, e converge para privilegiar sempre o mesmo grupo.

O jornalista utiliza-se das fontes através da hierarquia de credibilidade (TRAQUINA, 2012) relacionada ao poder social. Teoricamente, quanto mais prestigiosas e quanto maior a posição social da fonte, maior a credibilidade. Dessa forma, as vozes infantis são silenciadas, pois, mesmo quando uma criança é a “autoridade” em questão, é excluída dos parâmetros de credibilidade. As pesquisadoras Thais Furtado e Juliana Doretto (2022) levantam essa questão ao se referir à descoberta do paulistano Miro Latansio Tsai, de 5 anos. Ele identificou 15 asteroides quando participou do projeto Caça Asteroides, promovido pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações (MCTI). Mesmo sendo uma surpreendente descoberta, Miro não foi entrevistado em muitas notícias sobre ele. “É no mínimo curioso que uma criança seja capaz de fazer algo tão complexo, mas que não seja considerada competente pelos jornalistas, ou por seus pais, para dar uma entrevista” (DORETTO; FURTADO, 2022, p.1).

Se o autor da descoberta não foi considerado uma fonte relevante pelo menos por parte dos jornalistas, é preciso questionar o porquê. Definir o que é relevante jornalisticamente implica em ter uma visão diversificada das diferentes realidades e

opiniões que formam a sociedade. Para definir se a fonte consultada é relevante, o jornalista segue critérios como credibilidade, prestígio, respeito e boa articulação, características que de modo geral não são atribuídas a crianças.

Seguindo nessa direção, conversar com especialistas e entender a relevância de cada um em relação ao que se está reportando, é primordial na apuração jornalística. Se a pauta, por exemplo, é sobre o preço dos combustíveis, alguém do setor da economia é acionado para falar do assunto. Se a pauta é sobre racismo, busca-se fontes autodeclaradas negras. Porém, essa lógica de pertencimento, ou de lugar de fala (RIBEIRO, 2017), não acontece quando estamos falando de crianças.

Em “A inclusão e a exclusão da voz das crianças na Revista *Veja*” Furtado et al (2022), relatam que o jornalismo não costuma escolher crianças como fonte. Foram analisadas todas as publicações da revista do ano de 2019 – ao total 52 revistas –, e dessas, apenas nove crianças falam e apenas três são citações diretas.

Olhando por um ponto de vista macro, não escutar vozes infantis no jornalismo pode estar relacionado a um problema social maior, pois a opinião da criança é ocultada em diferentes níveis, não apenas no jornalismo. “Os jornalistas reclamam que as instituições – escolas, ONGs, centros de acolhimento, entre outros – dificultam o acesso às crianças e não incluem os pontos de vista destas nos seus relatórios” (MARÔPO, 2015, p. 13). No entanto, mesmo quando é possível, os jornalistas não costumam ouvi-las. Portanto, a falta de participação infantil no jornalismo repete a ausência desse mesmo grupo em outros setores da sociedade.

Mesmo os temas que dizem respeito às crianças são debatidos apenas por adultos e especialistas (MARÔPO, 2015). A exclusão desse grupo social não indica que ele não exista, mas provoca um silenciamento da comunidade infanto-juvenil. Apesar desse panorama social, a preocupação dos jornalistas com a inclusão da voz das crianças no discurso noticioso está começando a crescer. É o que demonstra a pesquisa de Marôpo (2015), para a qual foram realizadas 21 entrevistas semidiretivas com jornalistas brasileiros e portugueses. Os profissionais ouvidos concordam que existe uma desvalorização das crianças, mas, por outro lado, sentem-se desconfortáveis e despreparados para entrevistar meninos e meninas.

No entanto, se sentir representado pela mídia é fundamental para qualquer grupo social. Ao não incluir crianças em suas reportagens, os jornalistas afastam esse público, que acaba não se interessando pelo jornalismo e acaba utilizando outras

fontes menos credíveis – como os youtubers – para se informar. Considerando essa questão, passo a tratar da representação das crianças na mídia no próximo capítulo.

3 Representação das crianças e enquadramentos

Este capítulo busca esclarecer como se formam as representações sociais e a importância de as crianças serem representadas pelo jornalismo sem o uso de estereótipos e simplificações.

3.1 Representação Social

O poder da mídia de moldar e modificar a longo prazo a realidade tem um papel fundamental na percepção pessoal da criança – assim como o restante da sociedade – sobre quem ela é e onde está inserida. Na contemporaneidade, a sociedade já avança no entendimento do quanto a representatividade é importante. Negros, homossexuais e mulheres ocupando lugares de poder e destaque indicam uma mudança do quanto a diversidade deve estar em todos os lugares. O livro “Mídia e Representações da infância: Narrativas Contemporâneas” (MORIGI, 2007) explica que o caráter das representações não é o de permanecer, mas de fornecer um conjunto de significados para alimentar o quadro estruturante da realidade.

A infância é também uma parte da diversidade da sociedade. E é a fase em que as representações se fazem mais necessárias. “De acordo com a psicologia da aprendizagem, a infância é um período muito importante, pois cria os referenciais que a criança leva para o resto da vida” (MORIGI; ROSA, 2007, p.100). A identificação, de acordo com a psicanálise, é um processo psicológico pelo qual o sujeito absorve um aspecto ou um atributo do outro e, a partir disso, se transforma, tendo como base o modelo do qual observou. É assim que é constituída a personalidade, pela união ou diferenciação de uma série de identificações (LAPLANCHE, PONTALIS, 1992). Seguindo nessa linha, a representação tem conexão com a inclusão e, de acordo com Delorme (2008), para que a inclusão aconteça, é necessário existir visibilidade. Isso passa pelo entendimento de compreender o direito da criança de participar da vida social. “Tanto como um segmento geracional, no sentido de ser uma fase pela qual todos os seres humanos passam, quanto ao levar em conta os inúmeros fatores de heterogeneidade, como etnia e gênero, que marcam a vivência de cada criança em seu tempo, lugar e cultura”. (DELORME, 2008, p.127).

Morigi e Rosa (2007) explicam que, na contemporaneidade, a mídia é uma das principais difusoras e propulsoras de novas representações sociais e que a sua

estrutura tem como pilares comunicar, difundir e propagar determinadas representações.

Na verdade, essas produções midiáticas carregam consigo valores e representações do universo infantil construídos tanto pela televisão quanto pela sociedade, que atribuem características muito específicas à criança brasileira. Nesse sentido, o próprio conceito de infância é fruto de uma construção cultural, realizada através de discursos, ações e instituições que justificam os valores que se tornaram referência para a nossa sociedade nos dias de hoje. (MACHADO, 2011, p.7).

Então, se existe uma construção social e se quem organiza e produz a mídia são os adultos, é, portanto, a perspectiva desses adultos que são projetadas em suas produções. Do ponto de vista das representações sociais, a realidade é aquela criada por quem representa o representado, e são essas representações que repercutem e que contribuem para que quem recebe essa projeção forme o seu referencial sobre o que se entende por infância (MORIGI, ROSA, 2007).

De acordo com a abordagem construtivista (HALL, 2016), somos nós que construímos o sentido das coisas e, conseqüentemente, classificamos esses sentidos criando sistemas representacionais. “A representação é uma prática, um tipo de “trabalho” que usa objetos materiais e efeitos. O *sentido* depende não da qualidade material do signo, mas de sua *função simbólica*” (HALL, 2016, p.48). Dessa forma, questionar qual a origem da concepção de infância e para onde essa definição nos leva contribui para o pensar de novas práticas sobre discursos alicerçados (MARTINS, VIANA, 2020).

Constituir processos dialógicos com as crianças faz com que os adultos tenham que se deparar com lógicas – de tempo, de afeto, relacionais – distintas, e com linguagens inéditas que exigem disposição e abertura. Essas disponibilidades no contato com a criança podem demandar processos de reconfiguração das subjetividades que, no entanto, estão usualmente pautadas pela lógica laboral acelerada e padronizada, pela centralidade das interações verbais e pela apropriação cognitiva de um conjunto de certezas pouco passíveis de revisão – o que poderíamos generalizar como características frequentes exigidas do adulto ocidental contemporâneo. (MARTINS, VIANA, 2020 p. 157)

Os simbolismos que a infância carrega hoje na sociedade contemporânea são resultado de associações que envolvem tanto uma mudança de paradigmas como uma continuidade de preceitos. Com o passar dos séculos, a visão sobre o que é ser criança foi modificada. A própria definição de infância foi criada a partir de mudanças

coletivas. Algumas normas sociais parecem ser tão naturais que aparentam não terem sido construídas e são encaradas como algo “universal”, no entanto, esses códigos carregam marcas e são resultado de culturas (HALL, 2003).

Na Idade Média, as crianças eram consideradas miniaturas de adultos, as roupas que vestiam, as conversas e as formas de viver não eram diferentes da vida de um adulto (ANDRADE, 2012). Não havia limites entre os ambientes frequentados por essas duas gerações. Isso se dava devido às condições sociais da época. As casas, por exemplo, não tinham a estrutura que têm hoje, com divisórias e portas. Dessa forma, as crianças estavam ativamente presentes em tudo o que pertencia à vida adulta. Era delegado a elas a responsabilidade de afazeres domésticos e de trabalharem ao lado de seus familiares.

O conceito de ser criança passava muito mais por um entendimento econômico do que biológico. Existia o que se pode chamar de uma ausência de infância. “As concepções sobre a criança transformaram-se intensamente no decorrer do século XVIII, resultado de um longo processo social. Se antes a criança era percebida e tratada como “um adulto em miniatura”, nesse momento histórico ela é percebida como um ser específico” (ANDRADE, 2012, p.6). A partir da escolarização iniciou-se o processo de separação da criança do ambiente adulto, e essa divisão contribuiu para a criação do conceito de infância, que também foi impulsionado pela influência de crenças religiosas. A igreja associava crianças a seres celestiais.

A infância passa a ser reconhecida, de acordo com Heywood (2004) a partir do discurso cristão do “culto ao menino Jesus” e do “massacre dos inocentes” praticado por Herodes. Segundo o autor, passa a se difundir a idéia de que a criança é um mediador do céu e da terra, e que destes vêm falas de sabedoria. Foi neste cenário, que se emerge o sentimento de infância. Foi somente no século XVIII com o surgimento do sentimento de infância, que a concepção de infância se efetivou. A partir daí elas passam, do ponto de vista biológico, a ser tratadas com particularidades, a serem percebidas na sua singularidade por possuírem sentimentos próprios. (NIEHUES; COSTA, 2012, p.285)

O desencadeamento de uma transformação sociocultural começa quando ideias que antigamente eram aceitas não carregam mais a mesma força na atualidade e perdem a validade em alguns grupos. A maioria desses processos inicia-se a partir de algum grupo dominante dentro da sociedade, como, nesse caso, a igreja.

As representações sociais são capazes de influenciar comportamentos e quando essas representações são criadas podem ser atraídas ou repelidas por outras

representações, oportunizando a criação de novas roupagens e se despidendo de antigas (MOSCOVICI, 2007). Segundo Moscovici (2007), sempre que encontramos pessoas, coisas ou situações com que nos familiarizamos é porque ali existe alguma representação da qual o significado está sob nosso controle.

Para as crianças e adolescentes, os brinquedos, as roupas, as marcas e o vocabulário utilizados estabelecem marcas de pertencimento em grupos específicos. Como forma de buscar a sua própria identidade, eles seguem condutas de comportamentos muito semelhantes que visam à aceitação e à aprovação tanto da sociedade de uma forma geral, quanto de segmentos particulares (MACHADO, 2011, p.45).

A sensação de pertencimento passa pela identificação, que tem sua origem na representatividade. Dessa forma, o sentimento de pertencimento é criado a partir de comportamentos e de reconhecimento. No entanto, ainda é difícil desvendar como as crianças conseguirão se reconhecer através do jornalismo. A importância de ouvir o que as crianças pensam passa pela simples ideia de entender como elas se veem, que opiniões têm e quais são as suas preferências. Como cidadãos que ocupam um lugar na sociedade, as crianças devem ter o direito de, ao menos, dizer como gostariam de ser tratadas.

Perguntar às próprias crianças como elas gostariam de ser referidas para evitar o uso de termos que possam causar estigmatização é outro princípio ético sugerido pelos jornalistas. Como uma criança que vive na rua ou que cometeu ato infracional gostaria de ser chamada? Termos como “menino de rua” ou “menor infrator” são considerados inapropriados por organizações que defendem direitos das crianças, mas como as próprias crianças que vivenciam essas situações gostariam de ser referidas no discurso noticioso (MARÓPO, 2015, p.11).

Delorme (2008) afirma que as crianças demonstraram gostar de falar de si, de contar histórias de suas vidas, de falar sobre suas práticas sociais e culturais. Dessa forma, expressam seus valores, significados e expectativas. A própria pesquisadora diz ter constatado isso em razão do seu interesse em ouvi-las para seus estudos.

No entanto, a garantia de ouvir a voz das crianças não é o suficiente para que elas possam ser compreendidas. Devido a forma como isso é feito, as interpretações ainda são alvo de mensagens distorcidas e de uma minimização do papel da criança na sociedade. Isso também é demonstrado na separação das crianças do convívio adulto diariamente. “Coontz (1997), afirma que, durante grande parte da história, as crianças não foram excluídas dos conhecimentos e da participação no mundo dos

adultos. Depois, foram excluídas de ambos” (NASCIMENTO; BRANCHER; OLIVEIRA, 2008 p.12). Os espaços destinados à essa geração estão sempre voltados a brincadeiras e recreação e separados do ambiente frequentado por adultos. Logo, o lúdico em vez de acolher, muitas vezes cala (MARTINS, VIANA, 2020). “Desse modo, elas [crianças] são sistematicamente “educadas” a ocupar uma posição de alienação em relação às discussões ético-políticas, ficando relegadas ao isolamento e/ou silenciamento” (MARTINS, VIANA, 2020 p.159).

As representações sociais são carregadas de sentido (HALL 2016) e, como já foi dito, são resultado de uma construção sociocultural. Quando essas representações atingem o sujeito criança, é acionada uma simbologia de vulnerabilidade e imaturidade, sendo renegada a criança a chance de se mostrar para o mundo.

3.2 Representação em Telejornais

A televisão, com sua força imagética, é uma das responsáveis por causar impacto e marcar a vida de quem a assiste mostrando, principalmente através de telejornais, as feridas da sociedade. No entanto, não é apenas esse o papel desse programa televisivo, apesar de existir uma preferência muito forte por temas que revelam as chagas sociais, o que é justificado por valores-notícia já solidificados, que guiam as escolhas dos jornalistas fazendo com que alguns assuntos se sobreponham sobre outros. Além disso, a potência dos telejornais também se demonstra por serem programas que fazem parte da rotina da maioria das famílias e trazem, muitas vezes de forma subjetiva, a função de estruturar a vida cotidiana devido a sua periodicidade diária. É uma programação televisiva que proporciona uma rotina de segurança a quem assiste, pois ajuda o telespectador a se manter informado (GADRET, 2016).

Uma das características da televisão é a programação, que segue uma grade de horários que delimita o tempo de cada programa, assim como também acontece em jornais impressos ou revistas, que possuem um limite de caracteres escritos que corresponde a um número restrito de páginas. Os telejornais, portanto, também limitam suas publicações através do tempo disponível que o telejornal tem para ir ao ar. Diante desta limitação, o jornalista necessita ser muito criterioso para identificar e eleger o que será publicado. Essas escolhas diárias são justificadas com base em valores notícia, em escolhas pessoais do repórter e do editor ou também em políticas

editoriais dos veículos. Assim, fica estabelecida uma forma de enquadramento que define o que será publicado e o ponto de vista de cada matéria (GADRET, 2016).

“O processo de seleção pressupõe inclusão e exclusão, visto que selecionar não é somente incorporar determinados aspectos da realidade no texto noticioso, é também omitir outros” (GADRET, 2016, p. 63). E, para eleger quais enquadramentos serão utilizados, o jornalista destaca o que é considerado relevante ao acontecimento narrado. Nesse processo dinâmico é que o jornalismo age, participando da construção da realidade. Enquadramentos desvendam pontos de vista, intersecções sociais e trazem lógica ao que está sendo contado (CARVALHO, 2010).

Utilizando-se do termo *frame*, em que a tradução para o português significa quadro, o antropólogo Gregory Bateson (1972) trouxe uma análise acerca da noção de contexto. A relação que Bateson traz é a de que enquadrar requer a imposição de limites a um conjunto de mensagens. Essa organização estrutura o sentido do que está sendo transmitido, trazendo a atenção para o centro, como a moldura de um quadro que direciona o olhar para o que está dentro dele (GONÇALVES, 2005). “Os enquadramentos funcionam como princípios básicos de organização das nossas experiências. Definem não só a forma como interpretamos as situações, mas também como interagimos uns com os outros. Estruturam, em síntese, a nossa experiência da realidade” (GONÇALVES, 2005, p. 158).

No entanto, essa experiência não é completa. Como toda limitação requer uma exclusão, os enquadramentos delimitam uma visão de mundo. Eles trazem uma representação da realidade ou de parte dela. No telejornalismo isso se acentua ainda mais, uma vez que é uma vertente do jornalismo que utiliza recursos audiovisuais, e, portanto, necessita de imagens pertinentes a notícia que está sendo reportada. O papel das imagens é tão grande que ultrapassa o papel do texto. O mundo é apresentado visualmente e o acesso a imagens adequadas pode interferir se a notícia será publicada ou não. Para que uma matéria seja aprovada pelo editor, as imagens precisam ser acessíveis na produção (GADRET, 2016). “Do contrário, não passará de uma nota no telejornal. Ou seja, o telejornalismo pode falar basicamente de qualquer assunto, desde que seja possível associá-lo a imagens minimamente interessantes” (GADRET, 2016, p. 85).

O telejornalismo seleciona as informações e cria uma cartografia da Nação, levando em consideração critérios altamente subjetivos. Existem Estados/Cidades/bairros associados ao bem-estar, normalmente

apresentados em matérias que seriam pertencentes às editorias de política, economia, cultura, esportes. Outros espaços urbanos, como aqueles das favelas, costumam aparecer com frequência em matérias de abordagens policiais ou então naquelas que poderiam ser classificadas como da editoria de “Cidade”, que privilegia problemas e reclamações dos moradores. (COUTINHO, MUSSE, 2010, p.6)

Essas associações que são feitas de imagens com relação ao discurso, transmitem uma mensagem a quem assiste. O jornalismo é uma janela para o mundo (TUCHMAN, 1978), no entanto é importante atentar-se ao formato dessa janela, que por sua vez, se fosse visto como uma janela da vida real, teria um formato delimitado, como um quadro. Utilizando dessa analogia, pode-se dizer que a janela sofre influências estruturais. A vista através dela pode ser pequena, grande, opaca ou muito transparente (GONÇALVES, 2005). Há também janelas que estão sempre viradas para o mesmo lugar, e seguem a tendência de noticiar fatos que privilegiam posições ideológicas hegemônicas. Sendo assim, quando o jornalista repete referências de enquadramentos utilizados anteriormente, nem sempre terá um cenário que corresponda à verdade (CARVALHO, 2010).

Tratando especificamente de crianças e o efeito das mídias, os meios de comunicação estabeleceram uma nova reorganização social (COUTINHO, MUSSE, 2010), em que as telas são como se fossem espaços físicos, lugares em que ocorrem trocas. As crianças querem aprender, se divertir, construir relações e criar a sua própria identidade. Elas buscam isso não apenas no convívio familiar e escolar, mas também na mídia. Buscam um sentido e tentam entender de que forma se encaixam e pertencem à sociedade, para isso, usam novelas ou desenhos animados. Muitas vezes, no entanto, elas querem se identificar com crianças que sejam semelhantes a elas (BUCHT, VON FEILITZEN, 2002).

A representação, portanto, não é simplesmente um meio de expressar um referencial, é um sistema linguístico, cultural, arbitrário e ligado a relações de poder (HALL, WOODWARD, 2000), que pode influenciar a construção de normas, e com efeito a perpetuação do senso comum. No caso do telejornalismo, é o repórter quem exerce esse poder perante o entrevistado, pois é ele quem faz as perguntas e quem desenha os limites do que será mostrado. Ou, também, o poder pode vir da instituição da qual o repórter está subordinado, que por muitas vezes é porta-voz de posições ideológicas.

Na análise feita por Berbick (2012), destaco três pontos que ganham saliência. O primeiro é no quesito quantitativo: há poucas matérias sobre o tema infância. O segundo é relativo à ideologia e o terceiro, à falta de preparo do jornalista para lidar com fontes infantis. Foram estudadas na análise de Berbick nove edições do programa Profissão Repórter que continham temáticas infanto-juvenis no período de três de junho de 2008 a dois de outubro de 2012. De um total de 133 edições, aproximadamente 7% tratavam de questões da infância, uma quantidade significativamente pequena. Dessas edições, todas continham temáticas de violência, vulnerabilidade e marginalidade, o que remete, segundo a autora, à ideologia do programa que é conhecido por seguir um caráter de escolher pautas com relevância social e que causam inquietações, logo não é mostrada a infância sob outra perspectiva que não seja a infância marginalizada. O que não corresponde à infância na sua totalidade e nem a realidade de todas as crianças.

O jornalista sempre faz recortes, é claro, e nesse caso, segue a linha editorial do programa, mas essas representações podem reforçar sentidos comuns pré estabelecidos, tanto socioculturais, como relacionados a questões pessoais do próprio jornalista. Uma das matérias analisadas, por exemplo, a única mais branda, mostrava a vivência das crianças na escola, no entanto o case escolhido para ser acompanhado foi o de uma jovem de apenas 15 anos que estava grávida. Entre tantas crianças que poderiam mostrar como é a realidade de estudar em uma escola pública, a fonte escolhida pelos jornalistas foi uma que estava em situação de extrema vulnerabilidade.

O último e terceiro ponto que destaco é a maneira como as perguntas são dirigidas às crianças. Ela evidencia, como já foi dito, a falta de treinamento do jornalista sobre como agir diante de um sujeito que não é adulto e, portanto, não se comportará como tal.

Os jornalistas propõem esses valores às crianças entrevistadas, questionando a situação em que se encontram, numa tentativa de alertá-las de que essas condições nas quais elas se encontram não são as ideais. Se a fonte não concorda com o ponto de vista do repórter, o jornalista costuma fazer o questionamento de novo, demonstrando um ato de incredulidade, como se fosse óbvio que o repórter tem razão (BERBICK, 2012, p. 41).

Dessa forma, para dar continuidade a pesquisas como esta exemplificada acima e entender se houve mudanças ou não na forma como as crianças estão sendo

representadas no telejornalismo, dou continuidade ao próximo capítulo explicando a metodologia que dará suporte a essa análise.

4 Metodologia: Análise do Discurso

Nesta pesquisa, as abordagens escolhidas para análise foram duas, qualitativa e quantitativa. A abordagem quantitativa demonstra o número de vezes em que crianças apareceram em notícias ou reportagens nos telejornais locais da Rede Globo no período de agosto de 2021 a março de 2022. Com a abordagem qualitativa, a proposta é aprofundar a compreensão das inclusões e exclusões das falas das crianças nesses programas e encontrar os sentidos de representação da infância nesses programas.

A Análise de Discurso (AD) foi o método escolhido para essa pesquisa, uma vez que essa metodologia busca compreender os efeitos de sentido produzidos pelos discursos. Dizer e interpretar são movimentos de construções de sentidos, e esses sentidos não estão presos apenas ao texto, resultam de um processo de inter-ação sujeito e leitor. Esse sujeito-leitor é constituído por processos históricos que nem sempre estão visíveis (BENETTI, 2007).

Para AD, que teve seu início com Michel Pêcheux e seus alunos na França da década de 1960, também interessa saber se diferentes vozes estão presentes em um discurso. No caso deste trabalho, esse discurso são as notícias e reportagens que devem trazer o ponto de vista de diferentes pessoas – ou fontes, como foi explicado – que representam grupos diversos.

No jornalismo, podemos pensar no exemplo de uma reportagem que ouça, digamos, quatro fontes. Em princípio, teríamos cinco locutores: o jornalista (L1) e as fontes (L2, L3, L4, L5). Aparentemente, é um texto polifônico. No entanto, é preciso, depois de identificar os locutores, ir às perspectivas de enunciação. Se todas as quatro fontes enunciarem sob a mesma perspectiva, filiadas aos mesmos interesses e inscritas na mesma posição de sujeito, apenas complementando-se umas às outras, podemos dizer que configuram um único enunciador (E1). Se, além disso, o jornalista se posicionar ao lado dessas fontes, então também ele está regido pelo mesmo enunciador (E1). Teríamos, assim, um texto aparentemente polifônico, pois claramente constituído por cinco vozes diferentes (os cinco locutores), que na verdade é monofônico, pois é constituído por um único enunciador (E1) (Benetti, 2007, p. 119).

Esses sujeitos do discurso é que irão produzir sentidos que ultrapassam as fronteiras do texto. Por isso, a Análise de Discurso também comporta o audiovisual. O interesse dessa abordagem, portanto, reside em identificar o que um discurso significa a partir de uma materialidade simbólica (o texto, ou as imagens). Para isso,

devemos considerar que o jornalismo é um lugar que produz sentidos, além de ser historicamente subordinado a enquadramentos sociais e culturais (GADRET, 2016).

Muitos associam Análise de Discurso a um estudo ancorado estritamente na linguagem verbal. Apesar de possuir uma trajetória na qual o texto escrito é objeto empírico privilegiado da AD, há investigações que abordam o processo de significação das imagens, com destaque para Souza (1997; 2011). De acordo com a autora, a interpretação da imagem em AD procura entender tanto como ela se constitui em discurso, quanto como sua utilização sustenta sentidos produzidos pela linguagem verbal, direcionando o processo de significação (GADRET, 2016, p. 107).

Levando em consideração que, na busca para encontrar o material para análise do corpus, pouco material foi encontrado em que crianças falavam por elas mesmas – como será apresentado na análise –, e que na maioria dos casos fala-se sobre crianças e não com crianças, a AD também mostra-se adequada para esta pesquisa, pois ela se interessa pela significação ao silêncio e ao não dito.

Essas reflexões podem levar à seguinte questão: se o não-dizer significa, então o analista pode tornar tudo o que não foi dito como relativo ao dito em análise? Não há limite para isso? Esta é uma questão de método: partimos do dizer, de suas condições e da relação com a memória, com o saber discursivo para delinear as margens do não-dito que faz os contornos do dito significativamente. Não é tudo que não foi dito, é só o não dito relevante para aquela situação significativa (ORLANDI, 2012, p. 83).

A Análise de discurso representa a palavra em movimento, a ela não interessa apenas o sentido gramatical de cada palavra, mas os processos envolvidos na produção da palavra dita. A relação é do texto com o seu exterior, porque a mesma palavra dita por pessoas diferentes pode resultar em significados completamente distintos. A Análise de Discurso observa a palavra, quem a diz, o contexto e valoriza a memória, pois determinados discursos, historicamente, se repetem. Isso ocorre porque, segundo essa metodologia, as palavras já chegam a nós carregadas de sentidos, que na maioria das vezes, não percebemos de onde vieram, mas já estão previamente constituídos (ORLANDI, 2012).

A noção de discurso diferencia-se da constituição linear da sequência: emissor, receptor, código, referente e mensagem. Entende-se que o discurso identifica o sujeito e passa por processos de subjetivação. O discurso não é resumido à fala de um sujeito, e não deve ser confundido com a língua. Ele tem seu funcionamento, e a língua faz parte dele. As práticas discursivas não acontecem de uma forma lógica e sistematizada, emissor e receptor atuam ao mesmo tempo no movimento da

significação, sem que ocorra uma divisão entre a emissão da mensagem e a decodificação de um para o outro.

De acordo com Orlandi (2012), a linguagem não é transparente.

Os dizeres não são apenas mensagens a serem codificadas. São efeitos de sentidos que são produzidos em condições determinadas e que estão de alguma forma presentes no modo como se diz [...] Esses sentidos têm a ver com o que é dito ali mas também em outros lugares, assim como com o que não é dito e, com o que poderia ser dito e não foi (ORLANDI, 2012, p.30).

Dessa forma, para compreender um discurso através da Análise de Discurso, é necessário saber como um objeto simbólico produz sentidos. Essa produção de sentidos está calcada em três esferas do conhecimento: a Linguística, o Marxismo e a Psicanálise.

A metodologia pressupõe que a língua está associada a um materialismo histórico. A língua, portanto, não pode ser compreendida apenas como uma estrutura, mas também como algo marcado pela história. Os acontecimentos que marcam o passado são conduzidos pelo homem, que a AD, trata como um sujeito que tem relação linguístico-histórica com o mundo. Assim sendo, esse sujeito move-se pelo inconsciente, dessa forma, a Psicanálise completa a tríade das filiações teóricas da AD.

O lugar de onde o sujeito fala e o que ele fala, faz do discurso algo que é contínuo e que nunca se esgota. E, apesar de ser contínuo, podendo sofrer transformações e novos significados, dependendo dos sujeitos e seus contextos, o discurso também sofre o efeito vindo de relações de forças que paralisam transformações. A sociedade é formada por relações hierarquizadas e, as formas de poder que se estabelecem, e que tem relação histórica, influenciam no significado de quem diz e de quem interpreta o que foi dito. Essas relações de poder estabelecem projeções imaginárias que têm uma relação sócio-histórica (ORLANDI, 2012).

Segundo Orlandi (2012, p.42), “as palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam”. Para delinear limites entre o mesmo e o diferente, a Análise de Discurso se ancora na paráfrase e na polissemia:

Os processos parafrásticos são aqueles pelos quais em todo dizer há sempre algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória. A paráfrase representa assim o retorno aos mesmos espaços do dizer. Produzem-se diferentes formulações do mesmo dizer sedimentado. A paráfrase está do lado da estabilização. Ao passo que, na polissemia, o que temos é deslocamento,

ruptura de processos de significação. Ela joga com o equívoco. (ORLANDI, 2012, p. 36)

O jornalismo é um lugar de circulação e de produção de sentidos, os sujeitos representados dentro das produções jornalísticas carregam conhecimentos gerados por outros agentes (BENETTI, 2007). É assim que, não apenas no jornalismo, mas também em outras esferas sociais, cada sujeito se insere em uma formação discursiva (FD). Formação discursiva é aquilo que conforme a estruturação ideológica de cada conjuntura, indica o que pode e deve ser dito (FURTADO, 2013). Como se fosse uma forma que o sujeito assume, em que o sentido é concretizado a partir de um processo sócio-histórico, que segue uma posição e uma ideologia e determina o que o sujeito diz (ORLANDI, 2012). São essas formações discursivas que o pesquisador procura ao analisar o material empírico.

4.1 Procedimentos metodológicos

Primeiramente, para dar início à análise, após a seleção do corpus – que será apresentado no próximo tópico –, organizei uma lista, com título, link, editoria, data e tempo de duração de cada matéria jornalística. Os áudios foram extraídos e foi realizada uma decupagem para que cada trecho pudesse ser visualizado com mais clareza e para que também pudessem ser transcritos para este capítulo de análise. Depois da decupagem realizada, foi feita a verificação do tempo de fala destinado para fontes infantis e a contagem da quantidade dessas fontes em cada matéria. Após, realizei a leitura dos textos transcritos, por mais de uma vez, para mapear paráfrases, sequências discursivas com sentidos que se repetem. Para uma melhor organização das formações discursivas encontradas, as FDs foram identificadas, nomeadas e numeradas. As FDs são resultado da união de SDs, que são um trecho, uma palavra ou uma sequência de palavras que carregam sentidos discursivos referentes ao objetivo da pesquisa. As sequências discursivas também foram numeradas e agrupadas durante o processo de análise.

Por se tratar de reportagens de telejornais, na contagem, identifiquei as SDs não apenas em relação ao texto extraído das reportagens, mas também a combinação de imagens e sons, porque o discurso verbal, em alguns casos, acaba ficando em segundo plano. Pois, na televisão, a imagem se sobrepõe à fala, ou dá a sustentação

para o que está sendo dito. Portanto, cada SD identificada é formada por todos os elementos: texto, som e imagem.

Para separar uma sequência de outra, considere a mudança de locutores, no entanto, em algumas SDs, o próprio diálogo é considerado uma SD. Os locutores estão identificados da seguinte maneira, repórter é o narrador principal, que conduz toda a reportagem; apresentador é o jornalista que está no estúdio do telejornal; fontes adultas são pessoas que fazem parte do convívio da criança e foram numeradas de acordo com a ordem em que surgem; fontes especialistas são pesquisadores, ou pessoas consideradas autoridades no assunto tratado; e fontes infantis são as crianças, que também estão numeradas de acordo com a ordem em que aparecem na matéria. Quando uma mesma SD aparece em FDs diferentes, o sentido muda, mas a numeração permanece a mesma, sendo numerada uma única vez.

4.1.1 Corpus Empírico

No artigo “O consumo de notícias por crianças na pandemia”, de Doretto e Clemente (2021), são apresentados dados de uma pesquisa quantitativa realizada com crianças leitoras do jornal infantil *Joca* durante a pandemia de Covid-19, em 2020. Na pesquisa, quase 60% dos respondentes disseram que, na pandemia, viram ou escutaram mais notícias para acompanhar o noticiário ou para saber mais sobre a doença do que em períodos anteriores à pandemia. Apenas 5% das crianças leitoras disseram que não se interessavam pelas notícias mesmo durante o cenário pandêmico. Uma pesquisa divulgada pelo Kantar IBOPE Media, em março de 2020, demonstrou que a audiência em programas jornalísticos de televisão teve um crescimento de 17%. O Kantar IBOPE Media também apontou que a participação de crianças de quatro a onze anos no crescimento da audiência foi de 12%, no mesmo período². Dessa forma, avaliar como as crianças foram representadas em telejornais durante a pandemia é de extrema importância, pois, nesse decorrer, elas estavam mais propensas a ir em busca da informação, ou por meios próprios, ou indiretamente,

² Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2020/03/audiencia-de-telejornalismo-explode-durante-crise-do-novo-coronavirus.shtml> Acesso em: 13/09/2023

Disponível em: <https://www.portalcomunicare.com.br/audiencia-de-telejornais-aumentou-17-com-a-pandemia/> Acesso em: 13/09/2023

através da programação televisiva assistida por seus responsáveis. Por isso, a minha escolha por analisar telejornais e as reportagens televisivas.

Para chegar ao corpus desta pesquisa, foi realizada uma procura por meio da opção de busca na plataforma Globoplay, da qual sou assinante, com as palavras-chave “criança” e “pandemia”, e foram encontrados 778 resultados. Utilizei a delimitação da data, para eleger apenas publicações dentro do período de agosto de 2021 a março de 2022. Esse intervalo de tempo abrange o retorno gradual das aulas presenciais em dois momentos, após o fim das restrições de quarentena, agosto de 2021 e março de 2022. Além disso, esse intervalo de tempo também inclui o primeiro período de vacinação infantil contra Covid-19 que se iniciou em janeiro de 2022. Ou seja, o período incluiu acontecimentos que têm relação direta com as crianças e, como já citado, espera-se que sejam fatos noticiados – e, teoricamente, que crianças sejam ouvidas. O método de coleta foi baseado na identificação de vídeos divulgados em telejornais locais que abordavam em seu conteúdo a temática da infância ou assuntos que se relacionavam com esse universo durante o recorte temporal escolhido.

Apesar da limitação da data, que considera dois episódios específicos, a volta às aulas e a campanha de vacinação infantil, não foram mapeadas apenas matérias correspondentes a esses assuntos. Dentro do período de oito meses, foram encontradas 48 matérias que tratavam de assuntos variados, como por exemplo, saúde, educação, violência, esporte e família, com o recorte de abordagem da infância ou de crianças. Dessas, apenas 22 utilizavam as crianças como fonte. Tendo em vista que um dos objetivos específicos desta pesquisa é analisar o tempo de fala destinado às crianças entrevistadas, foram escolhidas, dentro desse espectro, as matérias em que o tempo de duração da reportagem é maior do que quatro minutos, pois teoricamente são mais aprofundadas e podem incluir mais fontes.

Sendo assim, o corpus analisado são 12 matérias de telejornais locais do Grupo Globo, com duração mínima de quatro minutos. O corpus é composto por reportagens transmitidas em telejornais locais de diferentes regiões, são eles: MTTV 1ª Edição – Cuiabá; TEM Notícias 1ª Edição – Rio Preto/Araçatuba; Bom Dia Alagoas; Bahia Meio Dia – Salvador; Jornal da EPTV 2ª Edição – São Carlos/ Araraquara; Link Vanguarda; Jornal do Almoço – RS; Jornal do Almoço – Chapecó; Diário TV 1ª Edição; Meio Dia Paraná – Cascavel; ESTV 1ª Edição Regional; AL TV 2ª Edição.

As reportagens abordam diferentes temáticas: lazer, saúde, comportamento, luto, vacinação e educação. Para chegar a essa escolha, também levei em consideração, além do tempo de duração, a diversidade de temáticas, que proporcionam a possibilidade de analisar diferentes enquadramentos, uma vez que analisar apenas matérias com os temas “educação” e “vacinação” resultou em poucos vídeos – o que já é significativo –, tornando assim a análise pouco proveitosa. As temáticas acima descritas referem-se ao que seria a editoria ou temática mais ampla de cada reportagem. No entanto, essa informação não está presente no link das reportagens e, portanto, foram nomeadas por mim, de acordo com o tema principal identificado em cada matéria.

É importante destacar que o fato de menos da metade das reportagens relacionadas à infância identificadas inicialmente (22 de 48) utilizarem as crianças como fontes já é também um resultado significativo de análise, a partir da abordagem quantitativa. Esta pesquisa, porém, se deterá a partir de agora nessas 12 reportagens em que crianças foram ouvidas para que seja possível uma análise mais aprofundada.

5 Análise: A representação das crianças nos telejornais locais

Neste capítulo, farei a Análise de Discurso das doze reportagens escolhidas para compor o corpus. Serão apresentadas Sequências Discursivas devidamente identificadas, em que as respectivas FDs estão presentes. Como foi dito, considero na análise as falas dos apresentadores, pois introduzem o assunto apresentando a reportagem, ou encerram o bloco após a exibição da matéria fazendo comentários pertinentes ao objetivo principal deste trabalho. Além disso, incluo as falas do repórter e das demais fontes. Destaco que a Reportagem 4 é a única em que a criança fala de forma indireta, interagindo com a mãe e não diretamente com o repórter.

Ao assistir inúmeras vezes às reportagens, identifiquei a presença de oito FDs, são elas: FD1 Criança fragilizada, FD2 Criança corajosa, FD3 Criança que brinca, FD4 Criança tecnológica, FD5 Criança sob tutela, FD6 Criança desprotegida, FD7 Criança sem legitimidade e FD8 Criança sem identidade. A tabela a seguir (Tabela 1) apresenta as FDs e o número de SDs identificadas em cada uma delas.

Tabela 1 – Formações Discursivas e Sequências Discursivas

FDs	SDs	Sentidos das FDs
FD1 Criança fragilizada	24 SDs	Vulnerabilidade; criança chorando; solidão
FD2 Criança corajosa	20 SDs	A criança que enfrenta a adversidade; a criança que toma vacina
FD3 Criança que brinca	14 SDs	Brincar faz parte da infância; tecnologia também é uma forma de brincar
FD4 Criança tecnológica	21 SDs	Aparelhos eletrônicos fazem parte da rotina das crianças
FD5 Criança sob tutela	11 SDs	A criança tem alguém responsável por ela; culpabilização do adulto
FD6 Criança desprotegida	5 SDs	A criança com a saúde em risco

FD7 Criança sem legitimidade	11 SDs	Conversas sem informações novas; respostas monossilábicas
FD8 Criança sem identidade	8 SDs	A criança não tem seu nome divulgado

Fonte: Elaborado pela autora

Na tabela seguinte (Tabela 2), são expostas as características básicas das reportagens, como o tempo de duração, contextualização do assunto, que é a descrição que a reportagem recebe no link, quantidade de fontes infantis ouvidas, e tema, ou editoria, a qual pertencem.

Tabela 2 – Características das reportagens

	Editoria	Tempo total	Tempo total de fala das crianças (em minutos)	Quantidade de fontes infantis
Reportagem 1 https://globoplay.globo.com/v/10172141/?s=0s	Lazer Crianças voltam a treinar após período parado pela pandemia	4:05	0:23	2
Reportagem 2 https://globoplay.globo.com/v/9899052/?s=0s	Saúde Pesquisa revela aumento de casos de miopia em crianças durante a pandemia	6:18	0:33	2
Reportagem 3 https://globoplay.globo.com/v/10123230/?s=0s	Lazer Hábito de jogar online cresce entre crianças e adolescentes durante a pandemia	5:08	1:04	2
Reportagem 4 https://globoplay.globo.com/v/9763217/?s=0s	Comportamento Impactos da pandemia causa mudanças no comportamento de crianças;	4:29	0:10	1

Reportagem 5 https://globoplay.globo.com/v/9764685/?s=0s	Luto Órfãos da pandemia: o sentimento de crianças que perderam os pais para Covid	8:11	2:38	3
Reportagem 6 https://globoplay.globo.com/v/9763365/?s=0s	Vacinação Cai o número de crianças vacinadas durante a pandemia em São José	4:01	0:10	1
Reportagem 7 https://globoplay.globo.com/v/9895734/?s=0s	Saúde Pandemia afeta o tratamento de crianças com câncer no RS	4:39	0:16	2
Reportagem 8 https://globoplay.globo.com/v/10387822/?s=0s	Saúde Intoxicação digital: pandemia acelerou uso de telas por crianças e adolescentes	5:11	0:30	1
Reportagem 9³ https://globoplay.globo.com/v/10311456/?s=0s	Educação Número de crianças que não aprenderam a ler nem escrever durante a pandemia está em 65%	6:07	0:20	2
Reportagem 10 https://globoplay.globo.com/v/10303733/?s=0s	Vacinação Medo de quê? Crianças dão exemplo no combate à pandemia	4:41	0:41	6

³ O vídeo disponível no link possui 21 minutos de duração, mas foram considerados apenas os primeiros 6 minutos e 7 segundos, que é o tempo que comporta a exibição da reportagem. Após, o formato muda para uma sequência de entrevistas, saindo, portanto, do formato de reportagem.

Reportagem 11 https://globoplay.globo.com/v/10296104/?s=0s	Vacinação Crianças falam sobre pandemia e vacinação contra a Covid-19 no ES	5:27	2:07	9
Reportagem 12 https://globoplay.globo.com/v/10373631/?s=0s	Vacinação Desde o início da pandemia, 68 crianças e adolescentes morreram de Covid em Alagoas	4:44	00:15	2

Fonte: Elaborado pela autora

A seguir, apresento a análise das reportagens a partir de cada uma das FDs encontradas.

5.1 Criança fragilizada

A primeira FD analisada é a FD1 Criança fragilizada, que tem 24 SDs e está presente em sete reportagens.

Fonte Adulta 1: - Ah! A Sara, a gente vê ela **toda mirradinha, assim toda frágil**, mas a bicha é um leão, entrou no Tatame não tem tamanho para ela não. Ela vai pra cima. (SD 01, reportagem 1)

Fonte Adulta 1: - Ele não se enquadra dentro dos limites. Entendeu? **As pessoas acham que “ah, porque ele tem deficiência”**, ele não aceita isso. Ele quer estar no time principal, quer tá na frente fazendo gol, ele quer tá defendendo, entendeu? Então na cabeça, a gente vê que ele tem uma deficiência, mas para ele não tem. Isso é importante para nós. (SD 02, reportagem 1)

Apresentadora: - Presta atenção: uma pesquisa da Sociedade Brasileira de Pediatria apontou que **oito em cada 10 crianças apresentaram alterações no comportamento durante o isolamento social. Tristeza, apatia, agressividade**. (SD 03, reportagem 4)

Fonte Adulta 1: - Pois é, foi um desafio muito grande. Ficávamos todos confinados em casa, eu e meus quatro filhos, meu esposo, meu genro e com isso veio a ansiedade. **Principalmente as crianças começaram a ficar bastante agitadas, sono intranquilo, às vezes acordavam de madrugada chorando. Pedro começou a roer unha**. (SD 04, reportagem 4)

Fonte Infantil 1: - Eu **sinto saudade de muitas coisas, tipo, de abraçar ele, porque quando eu estava triste ele e a mamãe sempre me abraçavam, me pegava no colo** e eu ficava feliz. (SD 05, reportagem 5)

Fonte Infantil 2: - Às vezes eu queria que ela voltasse. **As vezes quando eu vejo, eu peço para Jesus trazer ela de volta**. (SD 06, reportagem 5)

Fonte Infantil 3: - **Ela me dava bastante abraço, todo dia vinha me dar bom dia.** (SD 07, reportagem 5)

Fonte Adulta 1: - [...] **E todo tempo ela só pedia pra eu cuidar do filho dela.** (SD 08, reportagem 5)

Fonte Infantil 1: - Oi, o meu nome é Maria Eduarda, **eu tenho seis anos e perdi o meu pai pra pandemia.** (SD 09, reportagem 5)

Fonte Infantil 3: - Eu sou Lorena da Silva Santos. **Eu tenho doze e perdi minha mãe na pandemia.** (SD 10, reportagem 5)

Fonte Infantil 2: - Meu nome é Mirela da Silva Napoleão, **eu tenho nove anos e perdi minha mãe na pandemia.** (SD11, reportagem 5)

Fonte Adulta 1: - Sou Bruno Cezar Trindade de Omelas, sou pai da Ágata, **que perdeu a mãe na pandemia.** (SD 12, reportagem 5)

Fonte Adulta 2: - [...] Falei, curou amor, só que o papai do céu gostou tanto do papai que resolveu levar o papai para morar com ele. **E aí a reação dela foi gritos. Ela gritou muito alto. Ela olhava para o céu e falava “não papai do céu, não. Eu não quero que você leve o meu papai. Eu não quero”.** (SD 13, reportagem 5)

Fonte Infantil 2: - Às vezes quando eu estava domindo, **ela saía da cama e deitava lá comigo.** Ela era bonita, bastante, às vezes ela reclamava do cabelo, porque antes o cabelo dela era bem cacheado, só que aí ela alisou e aí ela falava que queria ter um cabelo que nem o meu, que queria roubar o meu cabelo. (SD 14, reportagem 5)

Fonte Infantil 3:- Ah, ela falava bastante que a gente tinha que estudar bastante e me ensinou várias coisas. Ela me ensinou a orar também.

Repórter: - **O que você está sentindo falta que não tem mais?**

Fonte Infantil 3: **Do carinho dela.** (SD 15, reportagem 5)

Fonte Infantil 2: - **Eu penso que ela vem toda noite, que nem anjinho da guarda ver eu.** (SD 16, reportagem 5)

Repórter: - Elas chegam assim, **com uma carinha de quem não está entendendo nada.** De repente, a mãe vai tirando a roupinha até que, ufa! Pela primeira vacina, a Sara passou sem chorar, **mas na segunda não teve jeito.** (SD 17, reportagem 6)

Repórter: - Essa é a primeira vez que a Heloisa trouxe o seu filho Manuel para tomar a vacina. **Sorrisão no rosto, que durou pouco.** Nas outras vezes, era a vovó que trazia, agora, a mãe precisou ser forte. Pelo visto, **o sofrimento foi dos dois.** (SD 18, reportagem 6)

Repórter: **A Valentina foi diagnosticada com câncer no cérebro logo nos primeiros dias de vida** e isso foi possível graças ao olhar atento da avó. (SD 19, reportagem 7)

Repórter: - A filha da dona Leila, **a pequena Ágata, faz parte de um universo de cerca de 2 milhões e meio de estudantes em todo o país, com idade entre 6 e 7 anos que ainda não sabem ler e nem escrever.** (SD 20, reportagem 9)

Apresentador: - [...] **E para as crianças tudo isso pode ser ainda mais difícil. Medo muito maior.** E foi para vencer esses medos todos, que as

crianças se encheram de coragem para enfrentar um outro, o medo da agulha. (SD 21, reportagem 10)

Repórter: Mas quando sentem medo revelam sem problema, afinal até os super-heróis mostram os seus receios. E se **coragem não implica em engolir o choro, pode vir com a garganta afiada**. Tá tudo certo, já que em segundos eles vencem seus medos. (SD 22, reportagem 10)

Repórter: Como é que tá o povo lá na sua casa, alguém pegou corona?

Fonte Infantil 3: - Sim.

Repórter: - Quem pegou?

Fonte Infantil 3: - Meu pai.

Repórter: - **Você ficou assustada quando ele pegou?**

Fonte Infantil 3: - **Sim**. (SD 23, reportagem 11)

Fonte Infantil 6: **Eu ainda não tô preparado. Tô com medo da vacina porque ela dói muito viu, uma vez tive que tomar vacina até no bumbum.**

Repórter: - **Eita, e doeu?**

Fonte Infantil 6: - **Muito, muito e muito** (SD 24, reportagem 11)

Na FD1 é predominante a presença do sujeito criança aliado ao sentimento de tristeza e à ação de chorar e, em algumas SDs a leitura por si só não impulsiona sensações com a mesma força que a imagem provoca. Conforme Gadret (2016), as imagens têm o poder de ultrapassar o texto, e o audiovisual traz configurações compostas por recursos emocionais que amparam na percepção dos conteúdos apresentados, como é o caso das SDs 6, 7, 14, 15, 16, 17 e 22, em que a imagem instiga mais sensações que o texto. Nessas SDs, as crianças aparecem chorando.

A fragilidade é a qualidade do que é pouco resistente, sinônimo de fraqueza. Frágil é algo que se quebra com facilidade ou que é delicado. A FD1 explora essas características e denota sentidos para a caracterização da criança frágil. Na reportagem 1, por exemplo, a primeira criança entrevistada parece ser a menor do grupo (SD 01) e a segunda, é uma criança com deficiência (SD 02).

Os sentidos da criança fragilizada nessa FD são reforçados também pelos efeitos sonoros e pela trilha musical utilizada. A voz de quem fala, na reportagem 5, seja criança ou adulto, carrega a emoção de tristeza. Na reportagem 5, matéria com maior número de SDs da FD1, o depoimento das crianças é fundamentado em um enquadramento de primeiríssimo plano (figura 1), que capta melhor a expressão do rosto, ocupando a tela inteira.

Figura 1 – SD 11

Fonte: Reprodução Globoplay

Das três crianças entrevistadas, duas aparentam estar muito abaladas e uma delas quase não consegue falar devido à angústia que transparece em sua voz, que corresponde a SD 14 e 16. Em um determinado momento da reportagem, em que uma das crianças está chorando, o enquadramento muda para plano detalhe (figura 2), que enquadra apenas seus olhos com lágrimas. Na SD 15 (figura 2), a fragilidade fica muito visível na imagem.

Figura 2 – SD 15

Fonte: Reprodução Globoplay

A reportagem 5 é a de maior tempo de duração entre todas que compõem o corpus e é também a reportagem em que as crianças individualmente têm maior tempo de fala e, com efeito, são ouvidas. A pauta, possivelmente, foi escolhida com

base em dois importantes valores-notícia: a relevância e a morte. O sofrimento gera audiência, a morte é um valor notícia fundamental, de acordo com Traquina (2005). A relevância combinada com a morte é justificada pelas consequências causadas pelo atraso da chegada das vacinas no Brasil e do movimento anti-vacina, que ainda nos tempos atuais permeia a sociedade. Isso fez da Covid-19 uma doença que levou a 704.897 óbitos⁴ no Brasil.

De acordo com Benetti (2007), o texto é a materialidade de um processo complexo que se inicia antes, na sociedade, na cultura e no imaginário, e as forças que compõem um texto nem sempre são aparentes. O enquadramento dado com base no sofrimento das crianças é justificado para protegê-las, no entanto pode construir uma visão negativa do infante (MARTINS, VIANA 2020). Gomis (2004) aponta, baseado nas observações de Lippmann (1969), que a forma como vemos as coisas é uma combinação do que vemos com o que esperamos ver. Desde o sofrimento causado pela morte, até o choro da vacinação, reforçam a narrativa de que crianças são frágeis. Ponte (2005) chama a atenção para o risco de se fundamentar no caráter sentimental, natural da fase da infância, buscando audiência: a notícia pode perder o significado social. Além disso, as crianças acabam sendo expostas em momentos de fragilidade, o que pode provocar constrangimento. Na SD 32 (figura 3), que está presente na FD2, o qual veremos no próximo tópico, a fala do repórter é ilustrada por uma sequência de imagens que mostram crianças chorando no posto de vacinação. Uma delas, ao perceber que está sendo filmada, vira o rosto, demonstrando incômodo com o registro feito.

⁴ Dados extraídos do Painel Interativo do Coronavírus em Agosto de 2023. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/> Acesso em: 14/08/2023

Figura 3 – SD 32



Fonte: Reprodução Globoplay

Os recortes apresentados nas reportagens estão correlacionados ao despertar de sentimentos no telespectador. O enquadramento das notícias leva em consideração as emoções que serão provocadas a quem assiste (GADRET, 2016).

Wahl-Jorgensen (2013) também percebe a terceirização da emoção no jornalismo ao estudar 101 reportagens premiadas no Pulitzer. Assim como haveria os rituais estratégicos de objetividade (TUCHMAN, 1972), a autora argumenta que o jornalismo trabalha com rituais estratégicos de emocionalidade, que buscam chamar a atenção do público para temas de relevância social e política. Ela define esses rituais como uma prática institucionalizada e sistemática por meio da qual os jornalistas incutem seus relatos com emoção. Para Wahl-Jorgensen, apesar do jornalismo estar submetido ao ideal de objetividade, a emoção é uma força motriz das narrativas produzidas (e premiadas) pelo campo. Esses rituais, no entanto, são raramente reconhecidos na formação dos jornalistas e dificilmente discutidos ou problematizados, tomando-os regras tácitas da prática profissional. (GADRET, 2016 p. 50)

Em mais da metade das reportagens analisadas, a FD1 foi encontrada, no mínimo, uma vez. Outro ponto relevante que merece realce é a apresentação das crianças na reportagem 5, o nome completo ganha destaque ao ser verbalizado pela própria criança. O jornal faz questão de nomear quem são os órfãos da pandemia, muito provavelmente para mostrar que essas pessoas não são apenas um número da estatística. A conjuntura da época era de um presidente negacionista quanto a eficácia da vacina e as consequências da Covid-19.

Também chama atenção a estratégia utilizada na construção do discurso, pois há uma repetição nas SDs 09, 10, 11 e 12. A repetição da apresentação pessoal em

primeira pessoa seguido da fala de que perdeu alguém é uma paráfrase muito marcada do sentimento de tristeza, da criança fragilizada.

5.2 Criança corajosa

A seguir apresento a FD2 Criança corajosa. As SDs que pertencem a FD2 fazem parte de uma região de sentidos que englobam a criança que vence, ou a criança que enfrenta algo, e estão presentes em quatro reportagens.

Repórter: Para recuperar o tempo perdido: **coragem**. Algo que não falta à pequena Sara. (SD 25, reportagem 1)

Fonte Adulta 1: - Ah! A Sara, a gente vê ela toda mirradinha, assim toda frágil, mas a bicha **é um leão, entrou no Tatame não tem tamanho para ela não. Ela vai para cima**. (SD 01, reportagem 1)

Fonte Adulta 2: - Apreensiva, fico apreensiva, mas eu vejo que **ela não tem medo**. Ela fala que fica meio assim, mas eu vejo que **ela é muito corajosa**, porque ela vê que isso aqui é muito satisfatório na vida dela, né? Ela gosta muito. (SD 26, reportagem 1)

Repórter: - Tem alguma coisa que é mais legal?

Fonte infantil: - **O mata-leão. Por que ele pode enforcar e pode matar também**. (SD 27, reportagem 1)

Repórter: - Segundo o Instituto do Câncer Infantil de Porto Alegre, um levantamento com 50 famílias apontou que 80% delas interromperam em algum momento o tratamento da doença no período mais crítico da pandemia. O instituto também destaca uma queda de 50% no diagnóstico de novos casos, o principal motivo é o não comparecimento a consultas. **O Davi é prova de que com persistência e disciplina é possível vencer o câncer**. (SD 28, reportagem 7)

Apresentador: - [...] E para as crianças tudo isso pode ser ainda mais difícil. Medo muito maior. **E foi para vencer esses medos todos, que as crianças se encheram de coragem para enfrentar um outro, o medo da agulha**. (SD 21, reportagem 10)

Repórter: - No mundo da fantasia, **eles encaram a realidade**. Pequenos **super-heróis**, doces princesas, chegam de toda parte para nos mostrar o **caminho da coragem**. (SD 29, reportagem 10)

Fonte Especialista 1: - **Parabéns, menina corajosa**. (SD 30, reportagem 10)

Repórter: - Nicole, doeu?

Fonte infantil 1: Responde com a cabeça que não.

Repórter: - O que você sentiu na hora?

Fonte infantil 1: - **Nada**. (SD 31, reportagem 10)

Repórter: - Mas quando sentem medo revelam sem problema, afinal até os super-heróis mostram os seus receios. E se **coragem não implica em engolir o choro, pode vir com a garganta afiada**. Tá tudo certo, já que em segundos eles **vencem seus medos**. (SD 32, reportagem 10)

Fonte Infantil 1: - Um, dois, três e vai Corinthians! **Vai moça, vai moça, coragem, fé!** (SD 33, reportagem 10)

Repórter: - Mas por que você gritou vai Corinthians aquela hora?

Fonte Infantil 1: **Porque aí eu não fico com medo.** (SD 34, reportagem 10)

Repórter: - Cada uma com seu jeitinho, as crianças **usam suas armas** preferidas para **combater o medo**. Pode ser a boneca, o coelho ou o ursinho, que se chama? (SD 35, reportagem 10)

Fonte infantil 2: - Eu ganhei esse ursinho.

Repórter: - Ah, você ganhou esse ursinho?

Fonte infantil 2: - Aham. E um quebra-cabeça do Mickey e **eu tomei a vacina e nem doeu.** (SD 36, reportagem 10)

Repórter: - Depois de cada dose, ainda tem o diploma de presente que a **turminha da coragem** estampa com orgulho. E para ajudar a espantar o receio, as enfermeiras têm todo um jeitinho. (SD 37, reportagem 10)

Repórter: - Pode respirar com alívio, pode **encarar a câmera de frente.** (SD 38, reportagem 10)

Fonte Infantil 3: - **Vem criançada tomar a vacina, nem dói.** (SD 39, reportagem 10)

Repórter: - As nossas crianças mostram que medo e coragem estão ligados por uma linha tênue, que nem sempre conseguimos romper e **elas ensinam que o caminho não é negar e sim encarar.** (SD 40, reportagem 10)

Repórter: - Fica a dica para todos nós que nem sempre sabemos os passos para ter coragem de vencer nossos medos. **Na experiência dos seus sete anos, Enzo já tem os passos dele com muita descontração.** (SD 41, reportagem 10)

Repórter: - Você já tomou a vacina contra o coronavírus?

Fonte Infantil 1:- Já tomei.

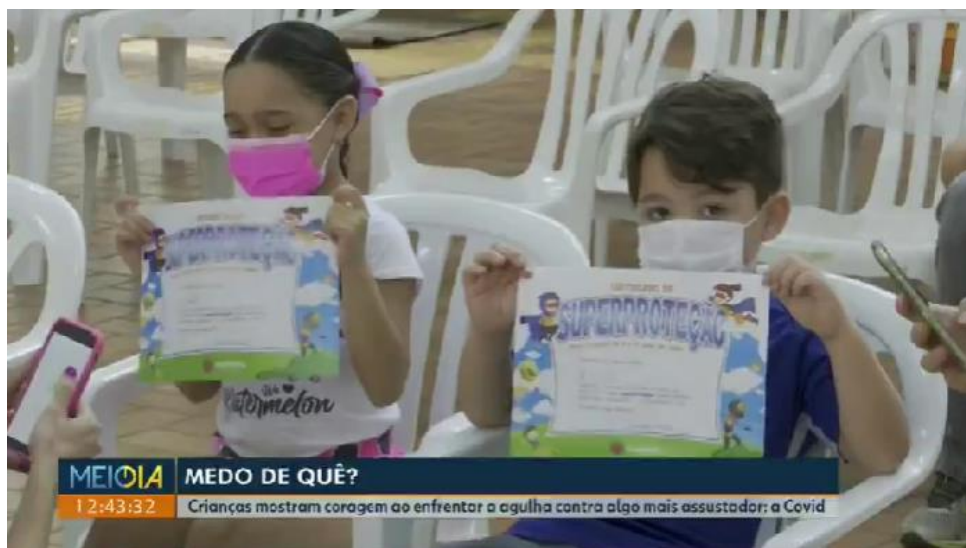
Repórter: - Tomou? Doeu?

Fonte Infantil 1: - **Nada de nada.** (SD 42, reportagem 11)

O sentido da criança corajosa está na conexão com o ato de enfrentar alguma adversidade, que, culturalmente, a sociedade acredita ser mais difícil para uma criança do que para um adulto. A FD2 está presente, por exemplo, em matérias que as crianças venceram uma doença (SD 28), ou praticam algum esporte considerado de difícil execução ou que exija força (SD 01 e 27). A coragem também é atribuída a crianças que, mesmo tendo medo da picada da agulha, vão se vacinar. Isso pode ser percebido nas SDs 21, 32 e 40. A SD 33, da reportagem 10, mostra a fala de um menino que viralizou em um vídeo na internet, pois recorreu ao time de futebol na hora da vacina. Ele grita pelo nome do time e no momento da aplicação da vacina repete “Vai moça, vai moça”, como se incentivasse a enfermeira e também a ele mesmo.

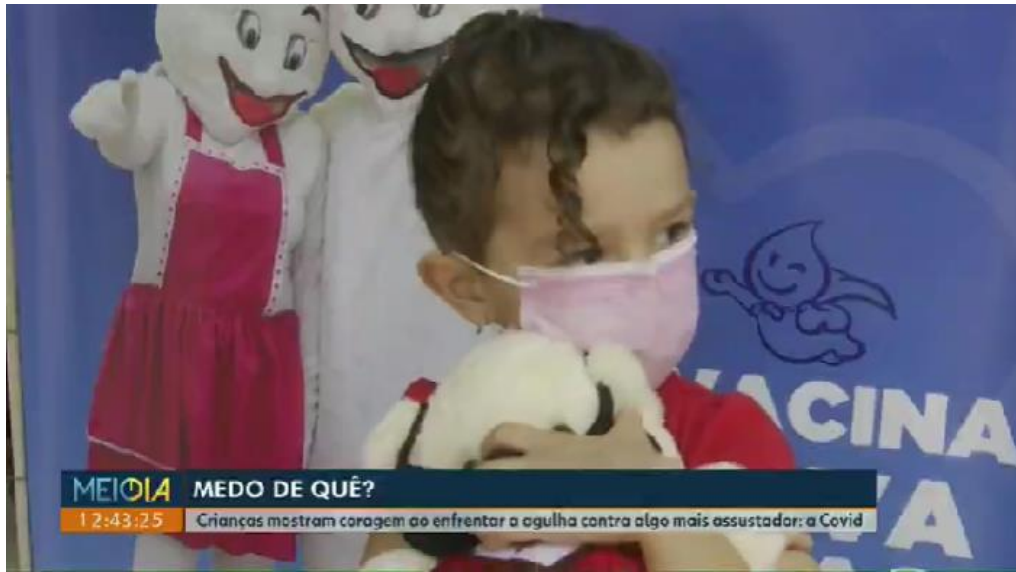
A FD2 aparece predominantemente na reportagem 10, em que o assunto é a vacinação infantil. Nessa reportagem a maioria das imagens captadas no local de vacinação é de crianças que estão com peças de roupas ou acessórios de super-heróis (como na SD 29). Com a campanha “Vacinas salvam vidas”, as unidades de saúde adotaram a temática de super-heróis, como foi o caso da cidade de Porto Alegre, por exemplo, que usou o slogan “Liga da Saúde”, na campanha de vacinação infantil contra a Covid-19, que faz referência ao time de super-heróis da Liga da Justiça. A reportagem 10 ocorre no estado do Paraná e é possível ver nas imagens o título do certificado que as crianças receberam após se vacinar, que diz “Certificados de Superproteção” (figura 4). Além disso, também é possível notar a imagem do personagem Zé Gotinha com uma capa voando, estampado nos cartazes (figura 5). As imagens de crianças com roupas ou acessórios de super-heróis podem ser conferidas nas figuras 6 e 7, que correspondem a SD 29.

Figura 4 – Certificados de superproteção



Fonte: Reprodução Globoplay

Figura 5 – Zé Gotinha



Fonte: Reprodução Globoplay

Figura 6 – SD 29



Fonte: Reprodução Globoplay

Figura 7 – SD 29



Fonte: Reprodução Globoplay

O lúdico e o mágico fazem parte do universo infantil, e a mídia contribui para a construção do imaginário das crianças, que se espelham, muitas vezes, em super-heróis ou criaturas com superpoderes. O jornalismo, sabendo disso, explorou essa temática para construção da reportagem 10. Os super-heróis têm como característica principal a coragem, a capacidade de enfrentar adversidades. Esses personagens estão presentes no cotidiano infanto-juvenil e representam símbolos de força e superação. As crianças se apoiam nesse simbolismo para se divertir e também para conseguir, a partir da imaginação descobrir soluções para situações turvas (JOROSKY, BARROS, 2020). Isso está presente na SD 35, em que o jornalista utiliza a analogia de que os brinquedos são como se fossem armas. Na reportagem 10, além do foco na vacinação infantil, em algumas SDs, existe também o objetivo de chamar a atenção dos adultos que não se vacinaram, esse discurso está presente nas SDs 21, 40 e 41.

Outro ponto importante é o recorte de gênero presente na SD 29, em que a narração ocorre combinada com duas imagens, a de um menino usando uma roupa de super-herói e a de uma menina usando uma máscara com estampa de bonecas. A separação entre meninos vistos como super-heróis e meninas como doces princesas é a base da caracterização de marcas que repetem padrões de comportamento e que influenciam na desigualdade social e na hierarquização das funções de um homem e de uma mulher na sociedade. As crianças vão formando

suas identidades e introjetando padrões com posturas discriminatórias, a partir daquilo que veem e do que lhes é ensinado, pois aprendem a identificar os atributos que são denominados como masculinos e femininos (GIACHINI, LEÃO, 2016).

É possível perceber também o uso de diminutivos na fala do jornalista quando se referem às crianças, como aparece na SD 37 e também em outras FDs ao longo da análise (SDs 62 e 87). De acordo com a Agência de Notícias dos Direitos da Infância - ANDI, o que é divulgado pela mídia pode modificar mentalidades, por isso a agência elaborou um painel com termos adequados para se utilizar ao realizar matérias com crianças e adolescentes, alinhado com normas de direito internacional e nacional. Em um dos exemplos listados sobre os termos que devem ser evitados, a agência reforça que o uso de diminutivos pode denotar a pessoa a ser vista como alguém incompleto.

5.3 Criança que brinca

A seguir apresento a FD3 Criança que brinca, que tem SDs presentes em 6 reportagens.

Repórter: - [...] Quem também voltou com tudo para as aulas do projeto, foi o Yuri. O artilheiro exibido. **Esse sabe bem o que é o mais divertido no futebol.** (SD 43, reportagem 1)

Repórter: Por quase um ano a vida do Thiago foi essa: estudar no notebook, **se divertir no celular**, relaxar com a família de frente para a TV. (SD 44, reportagem 2)

Fonte Adulta 1: - O uso do computador, né? Ela ficou em aula online, então aumentou bastante o tempo e, conseqüentemente, também a gente acabou cedendo, dando para ela um celular que ela não tinha **para brincar com as amigas**, porque era a única distração e acho que conseqüentemente aumentou o grau dela também. (SD 45, reportagem 2)

Fonte Infantil 1: - No começo, não era tanto. No máximo uma hora, uma hora e meia **jogando pra brincar**, mas agora eu passo assim, duas horas e meia. (SD 46, reportagem 3)

Repórter: - Na casa do Ewerton, o lugar preferido dele é em frente ao computador **e o som que não para é o clique no mouse.**

Fonte infantil 2: - **É um jogo estratégico e trabalho em equipe, como se fosse um rouba bandeira para conseguir acabar com o adversário, junto com a sua equipe.** (SD 47, reportagem 3)

Repórter: - [...] Essa era Fernanda em Home Office até maio deste ano. Para chamar a atenção durante o confinamento, os dois filhos, **Alana, de quatro anos, e Pedro, de 2 anos, faziam uma cama de trampolim.** (SD 48, reportagem 4)

Repórter: - **O desenho** foi uma das técnicas que a mãe dos meninos, que também é psicopedagoga, **usou para distrair** e identificar se havia algo de errado com os filhos. (SD 49, reportagem 4)

Repórter: - A ansiedade também atingiu Elaine, mãe do pequeno Miguel, de 5 anos. **Sem brincar na rua a diversão do pequeno foi dentro de casa com massinha de modelar e outros brinquedos.** (SD 50, reportagem 4)

Fonte Adulta 1: - Por ele ser uma criança superativa, **superbrincalhona, que gosta de correr, gosta de brincar,** gosta de se movimentar. (SD 51, reportagem 4)

Repórter: Aos poucos começam a ganhar a rua, **o parque é logo a primeira diversão das crianças** que só querem ver o vírus da covid no papel. (SD 52, reportagem 4)

Fonte Adulta 2: - Que bicho é esse que você tá **desenhando**, Alana? (SD 53, reportagem 4)

Fonte Especialista: - [...] E assim vai uma série de observações que pode fazer, de caroços no pescoço, no corpo, que chame a atenção. Uma febre que se prolonga, perda de peso, **a criança para de brincar.** (SD 54, reportagem 7)

Fonte Infantil 1: - Ela mandou eu sair do celular, daí eu já queria fazer isso faz um tempinho, eu pensei em fazer e eu fiz. Eu gosto de ler, **criar algumas coisas de LEGO**, entender muita coisa da aula em si. (SD 55, reportagem 8)

Repórter: - E quando a mãe pede para você desligar o celular, o que acontece?

Fonte Infantil 1: - Às vezes eu fico irritado, mas às vezes acontece isso. **As coisas legais.** (SD 56, reportagem 8)

As SDs da FD3, dentro do corpus analisado, trazem a certeza de que crianças devem brincar. Isso é percebido através da fala dos jornalistas e das imagens escolhidas para ilustrar as matérias. A imagem de crianças é vinculada a imagens de brincadeiras, mesmo que a reportagem não tenha esse assunto como foco principal.

Nas reportagens em que a FD3 está presente (reportagens 1, 2, 3, 4, 7 e 8), as SDs aparecem de diversas formas. Estão nas narrativas dos jornalistas, combinadas com imagens, que são frequentemente usadas para mostrar a rotina das fontes infantis, período em que a brincadeira está presente, como é o caso das SDs 44, 48, 49 e 50. Está nas falas das próprias crianças e de seus tutores, como mostra a SD 51, em que a fonte demonstra o quanto existe a necessidade de a criança brincar. No caso da SD 56 (figura 8), é necessário o complemento da imagem para que se entenda que o garoto está referindo-se a um brinquedo. Podemos notar que o ambiente que aparece na imagem onde o menino dá a entrevista possivelmente foi previamente organizado com elementos que remetem ao universo infantil na

perspectiva do jornalista. Além do brinquedo, cadernos e um estojo simbolizam os estudos (SD 56 e figura 8).

Figura 8 – SD 56



Fonte: Reprodução Globoplay

Além disso, o ato de brincar é considerado parte intrínseca do desenvolvimento infantil, como acontece na SD 54, que corresponde ao depoimento do Superintendente do Instituto do Câncer Infantil, portanto, uma autoridade na medicina. Ele explica os sinais da manifestação de alguma doença, sendo um deles a criança parar de brincar. Faço uma ressalva para a reportagem 4, que apesar de não ouvir crianças diretamente, começa com uma animação, o que causa, inicialmente, a impressão de ser um conteúdo direcionado às crianças, pois o vídeo em desenho animado mostra duas crianças lamentando não poder sair para brincar na rua. No entanto, percebe-se que a matéria não tem essa finalidade. O foco central é o desafio do confinamento que despertou ansiedade e transtornos tanto em crianças, como em adultos.

Outro ponto importante a ser destacado nas reportagens são os sentidos relacionados ao brincar, ou o que é considerado brincadeira pelos sujeitos envolvidos nessas matérias. A criança brinca desde o seu nascimento, é como ela faz para se integrar ao mundo e construir significados. Para entender a brincadeira, é necessário compreender as conjunções sociais e culturais em que estão inseridas, pois é levando isso em consideração que é possível entender o sentido do brincar infantil (QUEIROZ, MACIEL, BRANCO, 2006). Nas reportagens em que o assunto é a intoxicação digital (reportagem 8) ou a miopia (reportagem 2), por exemplo, que tratam sobre os

problemas decorrentes do uso excessivo do celular ou computador, as SDs mostram que a utilização desses aparelhos eletrônicos também são uma fonte de brincadeira para a criança. “Como a criança é um ser em desenvolvimento, sua brincadeira vai se estruturando com base no que é capaz de fazer em cada momento” (QUEIROZ, MACIEL, BRANCO, 2006, p. 170). Os aparelhos eletrônicos e os recursos que vêm com eles, como jogos online, whatsapp e a diversidade que a internet oferece, foram uma ferramenta encontrada durante o isolamento social para estar em contato com os amigos e poder interagir com outras crianças e, também, poder brincar por outros meios que não são considerados tradicionais, como ir a um parque, por exemplo. Como mostram as SDs 44, 45 e 46.

5.4 Criança tecnológica

A seguir apresento a FD4 Criança tecnológica, composta por 21 SDs.

Repórter: - Por quase um ano a vida do Thiago foi essa: estudar no notebook, **se divertir no celular**, relaxar com a família de frente para a TV. (SD 44, reportagem 2)

Repórter: - Quando você tira o óculos e **you olha para a tela, você enxerga?**

Fonte Infantil 1: - Enxergo. (SD 57, reportagem 2)

Fonte Adulta 1: - **O uso do computador, né? Ela ficou em aula online, então aumentou bastante o tempo e, conseqüentemente, também a gente acabou cedendo, dando para ela um celular** que ela não tinha para brincar com as amigas, porque era a única distração e acho que conseqüentemente aumentou o grau dela também. (SD 45, reportagem 2)

Fonte Adulta 2: - **Quando ela estava em frente à tela do computador ou do celular**, a gente percebeu que ela foi forçando um pouco mais a vista e trazendo a tela mais próxima, então isso foi um despertar nosso. (SD 58, reportagem 2)

Fonte Adulta 1: - **Valentina, chega de celular por hoje**, me dá.

Fonte Infantil 1: Ah mãe, mais um pouquinho. (SD 59, reportagem 2)

Repórter: - Mesmo que eles resmunguem um pouquinho **vale a pena mostrar para os pequenos que a tecnologia só é boa quando usada com moderação**. (SD 60, reportagem 2)

Apresentadora: - E qual que é esse uso com moderação? Quanto tempo? Para isso, **a Sociedade Brasileira de Pediatria tem uma indicação da exposição às telas, celular, televisão e computador**. (SD 61, reportagem 2)

Apresentadora: - Uma Pesquisa do SEBRAE comprovou algo que quem tem criança ou adolescente em casa já sabia, **o hábito de jogar online cresceu**

com essa turminha durante a pandemia, viu? No entanto, alguns especialistas fazem alerta sobre essa diversão. (SD 62, reportagem 3)

Repórter: - Nesse mundo virtual pense em quem derrotar todos os adversários. **O comando é através dos toques no celular do João Victor, que joga todos os dias.** (SD 63, reportagem 3)

Fonte Infantil 1: - No começo, não era tanto. No máximo uma hora, uma hora e meia jogando pra brincar, **mas agora eu passo assim, duas horas e meia.** (SD 46, reportagem 3)

Repórter: - Na casa do Ewerton, o lugar preferido dele é em frente ao computador **e o som que não para é o clique no mouse.**

Fonte infantil 2: - **É um jogo estratégico e trabalho em equipe, como se fosse um rouba bandeira para conseguir acabar com o adversário, junto com a sua equipe.** (SD 47, reportagem 3)

Apresentador: - E agora a gente fala de um assunto que preocupa sobretudo quem tem crianças e adolescentes em casa, é o seu caso? O que ele ou ela estão fazendo agora? **Aposto que tem muitos aí com os olhos grudados no celular, no tablet, no computador**, né? (SD 64, reportagem 8)

Repórter: - Na casa da Heloísa tem **hora para jogar e regra para o uso do celular.** (SD 65, reportagem 8)

Fonte Infantil 1: - **Ela mandou eu sair do celular**, daí eu já queria fazer isso faz um tempinho, eu pensei em fazer e eu fiz. (SD 55, reportagem 8)

Repórter: - **O Matheus tem 11 anos e usa o celular há dois.** (SD 66, reportagem 8)

Fonte Adulta 1: - [...] **Eu acabei liberando um celular com WhatsApp para ele.** Para tentar diminuir um pouco o isolamento da pandemia. (SD 67, reportagem 8)

Repórter: - Nos últimos dois anos, devido ao isolamento provocado pela pandemia, **as crianças se voltaram ainda mais ao celular, computador**, para manterem o contato com os amigos e até mesmo das atividades escolares, só que esse processo agora tem preocupado especialistas que alertam para os riscos da **virtualização da primeira infância.** (SD 68, reportagem 8)

Repórter: - São dois os grupos que mais preocupam: o de adolescentes e o das crianças com até dois anos de idade, os chamados **nativos digitais** que chegaram ao mundo junto com a pandemia. (SD 69, reportagem 8)

Fonte Especialista: - Eles foram expostos precocemente às telas, né? Então, **são crianças que ficam o tempo inteiro na frente de uma tela.** (SD 70, reportagem 8)

Repórter: - Preocupada com esses riscos, a **Sociedade Catarinense de Pediatria lançou uma campanha de prevenção a intoxicações digitais em crianças e adolescentes.** (SD 71, reportagem 8)

Repórter: - **E quando a mãe pede para você desligar o celular**, o que acontece? (SD 56, reportagem 8)

O sentido da FD4 é o de uma infância marcada pela presença da tecnologia. A geração chamada de Z (nascidos a partir dos anos 90), inicia a era das gerações

conectadas – mesmo que exista diferenças entre crianças de classes média e alta e crianças empobrecidas. A conexão tecnológica que ocorre na década de 1990 vem acompanhada do surgimento da comercialização dos celulares e da evolução da internet. Dessa geração em diante, as tecnologias se aperfeiçoaram e se popularizaram. Com o surgimento da pandemia de Covid-19 em 2020, o enclausuramento vivido solidificou o espaço da tecnologia na rotina mundial. Se a infância contemporânea já sofria a influência da presença de computadores e celulares mediando o cotidiano, a pandemia ampliou e intensificou esse contato, como mostram as SDs 45, 62, 46, 47 e 68. As três reportagens que comportam a FD4 tratam das consequências e mudanças de comportamento, advindas do uso excessivo das tecnologias. As SDs 66, 68 e 69 (figura 9) mostram que as crianças cada vez mais cedo entram em contato com objetos eletrônicos.

Figura 9 – SD 69



Fonte: Reprodução Globoplay

O uso excessivo do digital pode ser prejudicial, como apontam as SDs 57, 45, 58 e 71, que estão em reportagens que falam do aumento dos casos de miopia pelo excesso de telas e das possíveis consequências da intoxicação digital. No entanto, a criança tecnológica também encontra nesse meio formas de se desenvolver, como é o caso da SD 47 (figura 10), em que a fonte infantil explica que o jogo, que ela passa horas jogando, necessita de estratégias e de trabalho em equipe. “Para Palfrey (2011), os nativos digitais estão usando os espaços públicos da rede como ambientes cruciais

para aprender a socialização e também o desenvolvimento da identidade” (LIMA, FERREIRA, 2022, p. 24).

Figura 10 – SD 47



Fonte: Reprodução Globoplay

É importante destacar, no entanto, que a expressão “nativos digitais”, criada por Marc Prensky, não é unanimidade entre autores. A concepção de nativos digitais seria a de que as crianças nascidas em torno de 1990 já estariam rodeadas de telas e computadores desde o início de suas vidas. Há alguns motivos para as críticas ao termo. O primeiro é que as crianças não nascem já com competências tecnológicas, nem são totalmente autodidatas. É necessário que elas aprendam, o que ocorre atualmente com mais facilidade pelo acesso à linguagem digital. O que leva a um outro motivo de debate: nem todas as crianças têm o mesmo acesso à tecnologia, sendo mais facilitada a compreensão da informática e do uso das máquinas para aquelas que vivem em situações sociais mais privilegiadas. O telejornalismo acaba por contribuir para essa realidade ao entrevistar primordialmente crianças de classes mais altas nas reportagens sobre tecnologia, não explorando mais profundamente as desigualdades digitais.

5.5 Criança sob tutela

A FD5 Criança sob tutela foi identificada em oito reportagens do corpus e está presente principalmente em falas dos jornalistas e das fontes especialistas. São SDs

que se referem aos responsáveis pelas crianças ou, demonstrando que existe alguém responsável por elas:

Repórter: - O ideal segundo os médicos é que desde bebês as crianças tenham, pelo menos, uma consulta por ano no oftalmologista, mesmo sem reclamar de sintoma algum. **Para os pais, além desse cuidado** fica o desafio de limitar o uso das telas e estimular os filhos a praticar atividades externas. (SD 72, reportagem 2)

Repórter: - A mãe dele disse que tem receio dos perigos que a internet oferece.

Fonte Adulta: - [...] **Eu converso muito com ele. Com todos os meus filhos, a gente tem muita comunicação, a gente conversa bastante.** (SD 73, reportagem 3)

Fonte Especialista 1: - [...] outro fator que eu também acredito que pode ser muito responsável para as crianças e os adolescentes estarem cada vez mais conectadas é também a que **muitos pais também estão conectados, então acabam servindo também de exemplos, né?** (SD 74, reportagem 3)

Fonte Especialista 1: - [...] Então, eu acho que **a família toda precisa pensar** em se reposicionar em relação às tecnologias e a principal é estabelecer um limite de tempo para esse uso. **Não só para as crianças e adolescentes, mas também para os pais.** (SD 75, reportagem 3)

Fonte Especialista 1: [...] Para adolescentes também nessa pegada de quanto menos tempo melhor, mas que seja **supervisionado pelos pais.** (SD 76, Reportagem 3)

Fonte Especialista: - [...] Então, no **caso do bebê, da criança também, é importante o tratamento e também é importante a orientação dos responsáveis que ficaram com essa criança** para lidar melhor com ela **nessa fase tão difícil.** (SD 77, reportagem 5)

Fonte Adulta: - **A gente sempre tá olhando, acompanhando com o pediatra também.** Hoje ele faz uma vez por ano, mas o acompanhamento tá sendo sempre. (SD 78, reportagem 6)

Repórter: - [...] Para essa especialista, o equilíbrio, ainda que pareça difícil, **deve ser buscado pelos pais.** (SD 79, reportagem 8)

Repórter: - Ágata tem 7 anos, já deveria estar alfabetizada e não pensem que ela não fez as atividades durante o ensino remoto não, pelo contrário. **A mãe foi além e fez tudo que pôde para auxiliar a filha.** (SD 80, reportagem 9)

Fonte Infantil: - **A minha mãe me ajudava e eu conseguia fazer. E a minha mãe, ela ensinava eu.** (SD 81, reportagem 9)

Repórter: Felicidade para a Marília e para **o pai dela, que a acompanhou nesse dia especial.** (SD 82, reportagem 12)

É possível observar três pontos nas SDs da FD5, o primeiro é a consciência de que a infância é uma fase ainda de desenvolvimento maturacional e de aprendizagem

e, portanto, as crianças são dependentes em diversas áreas da vida de seus responsáveis, ou seja, elas têm direito à proteção. Esse discurso está presente em reportagens que tratam sobre a necessidade de ir ao médico, ou, por exemplo, como limitar o tempo de uso de aparelhos eletrônicos. Situações que as crianças ainda têm dificuldade de gerenciar sozinhas ou necessitam da presença de um adulto, como é, por exemplo, o ato de ir se vacinar. Ocorre uma responsabilização dos pais, por vezes em tom de cobrança ou orientação como nas SDs 72, 75, 76 E 79. O jornalista chama a atenção desse público adulto para as necessidades das crianças, como mostra a SD 80.

O segundo ponto diz respeito às formas encontradas para o telejornal conversar com o seu público alvo. Apesar dos telejornais em geral trazerem pautas que tratam de situações da infância, as crianças não são o público alvo desses telejornais. A partir disso, entramos no terceiro ponto, que é o peso da fala de um especialista. É uma prática no jornalismo, como já citado anteriormente, a consulta aos especialistas, fonte mais valorizada entre jornalistas brasileiros (SCHMITZ, 2011), pois contribui para a confiabilidade da informação. Para colaborar com a formação da opinião do público, é necessário que o locutor passe credibilidade, que geralmente está relacionada ao poder social (TRAQUINA, 2012). Na SD 77, por exemplo, uma neuropsicóloga recomenda o acompanhamento de crianças que estão passando pelas fases do luto. Ou seja, uma especialista que se dirige aos pais.

Culturalmente, determinados discursos têm mais peso de acordo com quem fala. Segundo Orlandi (2012), a sociedade é hierarquizada e as formas de poder já estão pré-estabelecidas e projetam os significados de quem fala, mudando de sentido de acordo com a posição ocupada.

É importante ressaltar que, das 12 reportagens, apenas duas não apresentam fontes que são do círculo familiar da criança entrevistada (reportagem 10 e 11). Em dez reportagens do corpus, um adulto da família (mãe, pai ou avó) é entrevistado e fala sobre o comportamento ou a atitude da criança (figuras 11, 12 e 13).

Figura 11 – SD 73



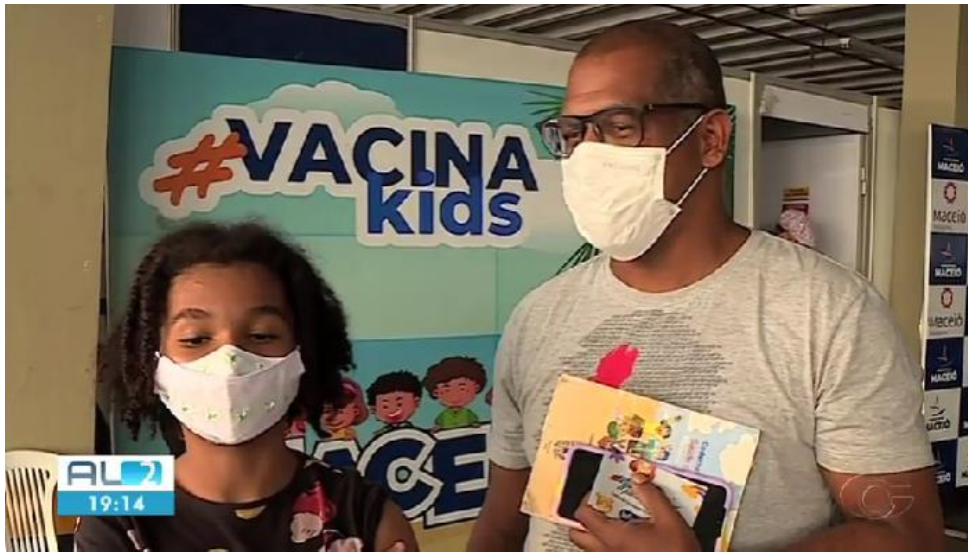
Fonte: Reprodução Globoplay

Figura 12 – SD 80



Fonte: Reprodução Globoplay

Figura 13 – SD 82



Fonte: Reprodução Globoplay

Segundo Schmitz (2011), a relação do jornalista com a fonte pode ser alimentada por um vício de ouvir sempre as mesmas pessoas. Mesmo que as reportagens sejam na própria casa das fontes infantis, as falas dos adultos têm mais tempo de duração, e a participação dos especialistas, na maioria das vezes, se sobressaem, ocupando um espaço ainda maior. Martins e Viana (2020) afirmam que, apesar de notarmos um movimento associado à infância que parece ir ao encontro do desenvolvimento de espaços dialógicos, podemos considerá-lo ainda embrionário, pois têm sido paralisado por lógicas adultocêntricas. No entanto, a FD5 mostra o que pode e deve ser dito nos telejornais analisados: crianças não andam sozinhas, existe um responsável por elas, alguém deve zelar pelas crianças.

5.6 Criança desprotegida

A seguir apresento a FD6 Criança desprotegida, que representa a criança que é negligenciada ou que não é cuidada.

Repórter: - [...] Para os médicos, **é fundamental que os pais tenham consciência e vacinem as crianças** desde os primeiros dias de vida. (SD 83, reportagem 6)

Apresentador: - [...] **Imagina voltar um monte de doenças que já foram erradicadas porque pais e mães não estão levando as crianças.** Não dá né, gente? Tem que vacinar, vacina salva-vidas. (SD 84, reportagem 6)

Apresentadora: - [...] Só que nesse ano, o Setembro Dourado tem mais uma preocupação, é que a pandemia fez crescer o número de famílias que interromperam o tratamento de pacientes e, alguns casos não chegaram sequer a serem diagnosticados, porque **os pais não levaram os filhos aos médicos**. Uma atitude que faz a diferença na luta contra o câncer. (SD 85, reportagem 7)

Repórter: - Apesar da criança dizer que é importante se vacinar e que está preparada para isso, ainda tem **muitos pais que não estão convencidos que vacinar os filhos é fundamental** para acabar com a pandemia.

Repórter: - Elas estão sendo vacinadas, **os pais estão vacinando?** Vocês estão acompanhando? (SD 86, reportagem 11)

Repórter: **Pais**, tem mais duas pessoinhas muito espertas querendo mandar um recado. Com vocês, Ana Luiza e Felipe. (SD 87, reportagem 11)

Como já dito no tópico anterior, as crianças necessitam de proteção. A FD6 mostra que o sujeito criança é entendido como alguém que deveria estar sob a responsabilidade de tutores e depende do compromisso deles para serem saudáveis. São SDs que provêm sempre da fala do jornalista, endereçadas aos pais das crianças. Com exceção da SD 85, todas as outras SDs da FD6 se referem aos pais que não levaram os filhos para se vacinar. Provavelmente, essa cobrança tem relação com o que já foi dito na FD1 e FD2, relacionado ao movimento anti-vacina. Na SD 87 o repórter se dirige aos pais e chama duas crianças para contarem como foi quando se vacinaram.

5.7 Criança sem legitimidade

A seguir apresento a FD7 Criança sem legitimidade, formada por sequências discursivas da interação entre o repórter e o infante. Foram mapeadas 11 SDs, presentes em 5 reportagens:

Repórter: - **Quando você tira o óculos e você olha para a tela, você enxerga?**

Fonte infantil: - **Enxergo.**

Repórter: - **Mas não com tanta nitidez.**

Fonte infantil: - **É.**

Repórter: - **E se você põe? Melhora muito?**

Fonte infantil: - **Sim.** (SD 57, Reportagem 2)

Repórter: - A carteira de vacinação do Lucas está completa. Ele estava pronto para tomar a vacina indicada pelo pediatra, mas terá que esperar um pouco mais.

Fonte infantil: - **Pelo menos a minha carteira tá tudo em dia.**

Repórter: - **Tá tudo em dia?**

Fonte infantil: - **Aham.**

Repórter: - **Para tomar então só no ano que vem?**

Fonte infantil: - **É.**

Repórter: - **Você acha importante tomar vacina?**

Fonte infantil: - **Eu acho.**

Repórter: - **Por que?**

Fonte infantil: - **Para se proteger.** (SD 88, reportagem 6)

Fonte infantil: - A minha mãe me ajudava e eu conseguia fazer. E a minha mãe, ela ensinava eu.

Repórter: - **Você aprendeu direitinho?**

Fonte infantil: - **Sim.**

Repórter: - **Mas tá feliz que as aulas voltaram?**

Fonte infantil: - **Aham.**

Repórter: - **Estava com saudade?**

Fonte infantil: - **Tava** (SD 81, reportagem 9)

Repórter: - **Nicole, doeu?**

Fonte infantil 1: **Responde com a cabeça que não.**

Repórter: - **O que você sentiu na hora?**

Fonte infantil 1: - **Nada.** (SD 31, reportagem 10)

Fonte infantil 2: - **Eu ganhei esse ursinho.**

Repórter: - **Ah, você ganhou esse ursinho?**

Fonte infantil 2: - **Aham. E um quebra-cabeça do Mickey e eu tomei a vacina e nem doeu.**

Repórter: - **Ah! E a vacina você também ganhou de presente hoje?**

Fonte infantil 2: - **Sim.** (SD 36, reportagem 10)

Repórter: - **Você gosta de usar máscara?**

Fonte infantil 1: **Responde sim com a cabeça.**

Repórter: - **Gosta mesmo?**

Fonte infantil 1: **Responde sim com a cabeça.** (SD 89, reportagem 11)

Repórter: - **E a máscara você gosta de usar?**

Fonte infantil 2: - **Hmm.**

Repórter: - **Mais ou menos?**

Fonte infantil 2: - **É** (SD 90, reportagem 11)

Repórter: **Como é que tá o povo lá na sua casa, alguém pegou corona?**

Fonte infantil 3: - **Sim.**

Repórter: - **Quem pegou?**

Fonte infantil 3: - **Meu pai.**

Repórter: - **Você ficou assustada quando ele pegou?**

Fonte infantil 3: - **Sim.** (SD 23, reportagem 11)

Repórter: - A sua mãe e seu pai se vacinaram?

Fonte infantil 4: - **Vacinaram.**

Repórter: - **É?**

Fonte infantil 4: - **Aham.**

Repórter: - **Eles falam assim ó, “Emili, quando chegar a vacina, você vai ter que tomar”**

Fonte infantil 4: - **É.** (SD 91, reportagem 11)

Repórter: - **Você já tomou a vacina contra o coronavírus?**

Fonte infantil 5: - **Já tomei.**

Repórter: - **Tomou? Doeu?**

Fonte infantil 5: - **Nada de nada.** (SD 42, reportagem 11)

Repórter: - **Você gosta de jogar capoeira?**

Fonte infantil 6: - **Gosto muito.**

Repórter: **O que mais você gosta? Você gosta de tomar café?**

Fonte infantil 6: - **Sim.**

Repórter: **-Almoçar?**
 Fonte infantil 6: **-Sim**
 Repórter: **- Jantar?**
 Fonte infantil 6: **- Sim.**
 Repórter: **- De brincar?**
 Fonte infantil 6: **- Sim.**
 Repórter: **De tomar vacina?**
 Fonte infantil 6: **- Sim.**
 Repórter: **Não?**
 Fonte infantil 6: Eu ainda não tô preparado. Tô com medo da vacina porque ela dói muito viu, uma vez tive que tomar vacina até no bumbum.
 Repórter: **- Eita, e doeu?**
 Fonte infantil 6: **- Muito, muito e muito**
 Repórter: **- Mas não tem que tomar?**
 Fonte infantil 6: **Tem que, para evitar o coronavírus.**
 Repórter: Pra você deixar de usar essa máscara, por exemplo. (SD 24, reportagem 11)

A FD7 é formada por SDs que expressam diálogos que não se aprofundam e não rendem novas informações. O discurso de uma entrevista é uma construção do jornalista com a fonte. Tradicionalmente, o jornalista faz uma lista de perguntas ou elabora um guia com foco nos assuntos de interesse para conversar com a fonte. Jornalistas quando vão entrevistar uma autoridade, ou um especialista, fazem antes uma pesquisa prévia e um roteiro de perguntas. No entanto, as SDs da FD7 revelam parte de um jornalismo leviano quando a fonte se trata de uma criança. Não se percebe um esforço para que o diálogo seja produtivo, nas SDs 31, 42 e 24, se repete a questão de a vacina doer ou não.

Saber ouvir é fundamental em uma entrevista, no entanto, para que isso aconteça, o jornalista precisa saber fazer as perguntas certas para extrair da fonte as informações. Nos diálogos desenvolvidos nas SDs da FD7, os repórteres sugerem respostas ou fazem perguntas em que as respostas já estão na própria pergunta, como é o caso das SDs 36, 89, 90 E 91.

A partir de um senso comum, as crianças são consideradas pela sociedade e, conseqüentemente também pelos jornalistas, como sujeitos que não possuem legitimidade no que falam. Os adultos, dessa forma, priorizam os seus pontos de vista e as crianças são silenciadas enquanto sujeitos de interesse político e social. Neste sentido, as vozes infanto-juvenis são lembradas para fazer registros "curiosos" ou "simpáticos". (MARÔPO, 2015)

No jornalismo, cada entrevistado é escolhido por um motivo (LAGE, 2005). As SDs da FD7 sugerem um padrão, o interesse da aparição do sujeito criança está muito mais focado na figura ou imagem do entrevistado, do que no que ele tem a dizer, o que Lage (2005) classifica como uma das características da entrevista ritual. Embora

as fontes infantis das reportagens analisadas não sejam celebridades e não estejam inseridas em um contexto que exige um padrão cerimonial, elementos esses que caracterizam a entrevista ritual, a conversa com as fontes infantis parece ser apenas uma mera formalidade. O repórter não avança na problemática e sente-se satisfeito com respostas vazias ou óbvias. Lage explica que, em entrevistas rituais, as declarações são irrelevantes ou já esperadas. Na SD 57 (figura 14), por exemplo, em que a reportagem é sobre o aumento de casos de miopia em crianças, a fonte infantil é guiada pela fala da repórter: retira os óculos, responde, olha para o computador e depois coloca novamente os óculos, respondendo em monossílabos.

Figura 14 – SD 57



Fonte: Reprodução Globoplay

Como já citado anteriormente, de acordo com Morigi e Rosa (2007), são as representações criadas por quem representa o representado que contribuem para a formação do referencial do que se entende por infância. O que ocorre na FD7 é a manutenção da não legitimidade do discurso das crianças.

Lage (2005) também afirma que o aspecto mais importante a ser considerado numa entrevista é o conteúdo e que uma das chaves para realizar uma boa entrevista é saber perguntar a partir da resposta. Através de sua pesquisa, Marôpo (2015) coletou opiniões de jornalistas sobre ações que podem facilitar o diálogo. Entre as recomendações, a primeira é obter o consentimento da criança e, para iniciar a conversa, deixar uma questão aberta, para que a criança se sinta à vontade para explorar o tema, como por exemplo, “o que este tema te faz lembrar?” ou “qual a

primeira coisa que te vem à cabeça quando você pensa nesse tema?”. Além disso, também recomenda reforçar para a criança que não existem respostas erradas, pois o objetivo da entrevista é saber as suas opiniões.

5.8 Crianças sem identidade

A identificação da fonte é um preceito no jornalismo. Exceto em casos específicos de anonimato, a identificação é obrigatória. Saber quem está transmitindo a mensagem é fundamental tanto para o jornalista que coleta a informação, quanto para o público que a recebe. No entanto, enquanto alguns grupos sociais são identificados, principalmente por apresentar culturalmente poder social, outros permanecem no anonimato. A seguir apresento a FD8 Crianças sem identidade, formada por SDs nas quais as fontes infantis não foram identificadas com seus nomes durante seus depoimentos. As SDs estão enumeradas nas falas das crianças para que haja uma organização e uma visualização de quantas vezes aparecem e quantas crianças não foram identificadas. Porém, essas SDs não têm relação direta com o que é falado, mas com o que é silenciado no momento da aparição da criança entrevistada. O nome da criança não divulgado é o não-dito.

Fonte infantil 1: - É um medo sem razão né? Meio só uma pressão mesmo.

Repórter: - Agora tá mais aliviado?

Fonte infantil 1: - É. (SD 92, reportagem 10)

Repórter: Pode respirar com alívio, pode encarar a câmera de frente, porque mesmo tão pequenos vocês sabem a resposta para a vacina.

Fonte infantil 2: - Sim. (SD 93 , reportagem 10)

Repórter: Sim, para a dose que significa super poderes aos nossos super-heróis que dão a mais óbvia lição aos adultos.

Fonte infantil 3: - Vem criança tomar a vacina, nem dói (SD 39, reportagem 10)

Repórter: - Por que você tá usando máscara?

Fonte infantil 1: - Por causa do coronavírus. (SD 94, reportagem 11)

Repórter: - E a máscara você gosta de usar?

Fonte infantil 2: - Hmm.

Repórter: - Mais ou menos?

Fonte infantil 2: - É. (SD 90, reportagem 11)

Repórter: E proteção não é só usar máscara e eles sabem muito bem disso.

Fonte infantil 3: - Usar máscara e passar álcool gel.

Repórter: - Não aglomerar né?

Fonte infantil 3: - É. (SD 95, reportagem 11)

Repórter: - Como é que tá o povo lá na sua casa, alguém pegou corona?

Fonte infantil 4: - Sim.
 Repórter: - Quem pegou?
 Fonte infantil 4: - Meu pai.
 Repórter: - Você ficou assustada quando ele pegou?
 Fonte infantil 4: - Sim. (SD 23, reportagem 11)

Repórter: E o que você sente mais saudade de tudo isso que você deixou de fazer?
 Fonte infantil 5: -De ver minhas amigas na escola, de sair mais pra rua. (SD 96, reportagem 11)

A identificação das fontes influencia na credibilidade, produzindo efeitos diversos. Evidência, verdade e seriedade profissional (CHARAUDEAU, 2013) são algumas delas. “Para apresentar fontes é preciso, antes de tudo, querer fazê-lo, o que nem sempre é o caso” (CHARAUDEAU, 2013, p. 148). A depender da pauta, a não divulgação da identificação só se justifica quando não se quer expor a criança por algum motivo. No entanto, as reportagens analisadas não tratavam de conteúdos delicados em que as crianças tivessem que ter suas imagens preservadas. De acordo com a Agência de Notícias dos Direitos da Infância - ANDI, a identificação da criança é de interesse do jornalista, quando ela entra em contato com o repórter para exercer sua liberdade de expressão e seu direito de ter sua opinião ouvida.

A reportagem 11 causa estranhamento pela quantidade de fontes infantis, se comparada com as outras matérias. Ao total, 9 crianças participam da reportagem. No entanto, individualmente, falam pouco, e 5 crianças não são identificadas por seus nomes. Algo que não seria permitido se a fonte fosse um adulto. De acordo com Moscovici (2007), a invisibilidade é uma fragmentação preestabelecida da realidade, uma classificação de coisas e pessoas que torna algumas visíveis e outras invisíveis. Quando uma pessoa não se adequa aos modelos preestabelecidos, nós exigimos que assuma uma forma e entre em determinada categoria, se tornando idêntico a outros, recebendo a penalização de não ser decodificado (MOSCOVICI 2007).

O que chama atenção é o contraste entre a reportagem 5, sobre o luto de crianças, e a reportagem 11 sobre vacinação, assuntos que se aproximam tendo em vista que tratam de consequências do vírus da Covid-19. Na reportagem 5, as fontes apresentam-se em voz alta, com suas imagens em close, falando seus nomes completos e para cada uma, aparece um GC com seus respectivos nomes completos. A emoção que a reportagem passa é a da melancolia. Já na reportagem 11, apesar da elevada quantidade de fontes infantis, mais da metade não é identificada. Não ocorre uma identificação por meio de créditos e nem por meio de uma verbalização

do repórter. Diferentemente da reportagem 5, na qual a FD1 Criança fragilizada é predominante, na reportagem 11, o clima é descontraído e as crianças riem. O que concluo ao traçar esse paralelo é que, no jornalismo, crianças que sofrem ganham mais destaque do que crianças que riem.

5.9 Considerações sobre a análise

Realizada a análise, é possível concluir que as 8 FDs encontradas podem ser separadas em dois grandes eixos de sentido, sendo um o eixo que representa a **criança que é considerada cidadã** e o outro, o eixo em que a **criança não é considerada cidadã**. O significado de cidadania aqui tem relação a todo direito humano, direitos civis e sociais, que mesmo sendo direitos, nem sempre são garantidos. De acordo com Barros (2012), em nosso país de contrastes, a cidadania é um sentimento. O indivíduo não é cidadão, torna-se cidadão, ele precisa sentir a cidadania.

No eixo em que a criança é considerada como cidadã, estão as seguintes FDs: FD1 Criança fragilizada, FD2 Criança corajosa, FD3 Criança que brinca, FD4 Criança tecnológica e FD5 Criança sob tutela. Na FD1, apesar do hiperfoco no sofrimento infantil, as crianças são identificadas e têm o maior tempo de fala individual, além do grande objeto de discussão presente nessa FD: o direito à vida. Na FD2, a criança exerce o direito à saúde por meio da vacinação e enfrenta as adversidades que aparecem. Na FD3, a criança usufrui da principal característica da infância que é poder brincar. Na FD4, a criança se insere na sociedade através da tecnologia, podendo dessa forma se informar, se divertir e estudar. Mais uma vez, lembro que esse acesso não é igual a todas as crianças, portanto, nessa FD as crianças cidadãs são as mais privilegiadas socialmente. E, por último, na FD5, a criança é protegida, tem alguém que zela por ela, proporcionando uma vida saudável, apesar de, muitas vezes, ser cerceada pelo discurso de um adulto que fala por ela.

No segundo grande eixo, em que a criança não é considerada cidadã estão as respectivas FDs: FD6 Criança desprotegida, FD7 Criança sem legitimidade e FD8 Criança sem identidade. Na FD6, a criança é desamparada e tem a saúde negligenciada quando é impedida de ser vacinada ou de ir a uma consulta médica. Na FD7, a criança não é estimulada a falar, tendo uma participação restrita nas reportagens como se não fosse capaz de argumentar sobre temas atuais. E, para

encerrar essa análise, a FD8 representa o desrespeito à individualidade. A criança é invisibilizada, demonstrando uma falta de cuidado ou uma falta de relevância com o sujeito que fala.

6 Considerações finais

A ideia de realizar este trabalho surgiu a partir das percepções particulares que tive em casa, no convívio com meus filhos. Frequentemente, vejo noticiários e, muitas vezes, esses momentos acontecem na companhia deles. Percebo que eles entendem o que está sendo dito e, quando não entendem, perguntam. As crianças compreendem o mundo ao seu modo e isso não quer dizer que não tenham perspicácia para compreender assuntos mais complexos.

Sou uma defensora das crianças. No meu dia a dia, já presenciei diversas situações em que meus filhos de alguma forma foram isolados ou tiveram suas opiniões ignoradas. Confirmei através das leituras que realizei para esse trabalho o quanto as crianças são excluídas e consideradas seres sem opinião própria. Isso está tão presente no meu dia a dia, de forma tão intensa, que me instiga a aprofundar o assunto com o intuito de tentar modificar, nem que seja um pouco, esse processo. É um dos propósitos desta pesquisa, seguir um caminho já trilhado por outros pesquisadores para que isso, um dia, seja revertido. Essa exclusão relacionada às crianças eu já pude presenciar em reuniões de pais na escola, por exemplo, ou na estrutura de um restaurante que não oferece cadeiras ou cardápio adaptado para o público infantil. Agora, também percebo semelhanças com esse comportamento dentro do jornalismo.

Ao realizar este trabalho, também refleti sobre minhas percepções e posições. Esta pesquisa me ajudou a compreender, a partir das leituras realizadas para o embasamento e a construção do trabalho, de forma mais ampla os significados da infância e de suas diferentes facetas, características e elementos constituintes no âmbito cultural e do jornalismo, além de poder entender como se deu o surgimento desse conceito. O que foi muito interessante, pois era um assunto sobre o qual eu ainda não tinha conhecimento.

No que diz respeito aos objetivos específicos deste trabalho, o primeiro, que trata da importância das fontes no jornalismo, foi explorado nos capítulos teóricos e durante a análise. Foi explicado com base nas classificações de Schmitz (2011) e Lage (2005) e demonstrado que existem categorizações de diferentes fontes e que os jornalistas possuem suas preferências dentro dessa setorização. Diversos autores citados até aqui defendem a inclusão das vozes infantis no discurso jornalístico.

Entretanto, o que se percebe é a falta de participação desse público em quase todos os espaços da sociedade. Também foi possível perceber que, tanto pela bibliografia consultada, como diante da análise, incluir crianças não é o suficiente. É necessário proporcionar mudanças para que esse sujeito se sinta parte da sociedade e possa contribuir com ela.

O segundo objetivo específico, que diz respeito ao contexto em que as crianças aparecem, na maioria das vezes, estão inseridas em algum problema social, que aparece no jornal como forma de alerta para a população, ou como uma sugestão de resolução. São poucas as matérias que carregam uma perspectiva otimista. Aumento de casos de miopia, mudanças de comportamento, intoxicação digital, atrasos na alfabetização, câncer, queda na vacinação e morte são temáticas que levantam um problema social e, junto desse problema, a reportagem traz uma criança como exemplo. A criança é inserida como um *case* que exemplifica e reforça a existência desses problemas. As matérias que trazem uma percepção mais otimista são as que se enquadram na temática de lazer e de vacinação, que incentiva as crianças a irem se vacinar.

Na maioria das reportagens analisadas, as crianças são como um complemento que pode ser facilmente descartado da matéria, pois sua participação em repetidas vezes não passa de uma frase, e elas não recebem, de modo geral, um grande destaque. Compõem a cena, mas são anuladas em muitos casos, quando seu papel está resumido em ficar ao lado de um adulto, que responde às questões sobre elas.

Quanto ao terceiro objetivo, foi possível verificar que as crianças individualmente têm pouco tempo quando falam. Para atingir esse objetivo, foi feita uma tabela para registrar e comparar os tempos específicos de cada reportagem. A reportagem com maior tempo de duração foi a reportagem 5, “Órfãos da pandemia: o sentimento de crianças que perderam os pais para Covid”, e, conseqüentemente, também foi a reportagem em que as crianças tiveram maior tempo de fala.

Foram mapeadas 8 Formações Discursivas (FD) ou regiões de sentido dentro do corpus: FD1 Criança fragilizada, FD2 Criança corajosa, FD3 Criança que brinca; FD4 Criança tecnológica; FD5 Criança sob tutela, FD6 Criança desprotegida, FD7 Criança sem legitimidade e FD8 Criança sem identidade, que foram listadas em uma

tabela com a quantidade total das SDs encontradas e os respectivos sentidos produzidos. Cada FD possui suas características e, apesar de FDs diferentes estarem presentes em uma mesma reportagem, os seus sentidos são únicos. A análise dessas FDs demonstrou, a partir do material disponível no corpus, como as crianças foram representadas, no período escolhido, em telejornais, que é o objetivo geral deste trabalho.

O resultado observado mostra que a criança é representada como um sujeito vulnerável, mas, ao mesmo tempo, corajoso, que deve ter sempre um adulto por perto, que brinca de diferentes formas, uma delas através da tecnologia e é um sujeito com pouca maturidade para desenvolver uma conversa interessante. Percebo que a coragem aqui está ancorada na incerteza da capacidade da criança de enfrentar algo e, portanto, precisa se munir desse sentimento para ultrapassar essa barreira. Já a presença do adulto junto da criança foi percebida através dos discursos da FD5 e na participação efetiva de adultos respondendo a questões sobre elas. As respostas para questões que envolvem casos num contexto macro são encontradas nas opiniões de especialistas e, quando as questões são individuais, um familiar da criança responde por ela. Apesar da posição fixa do adulto como porta-voz das crianças, a visão de que as crianças precisam de um tutor foi positiva quando se percebe que o jornalismo enxerga o tutor como sujeito responsável pela educação da criança, o culpabilizando e retirando de meninos e meninas o peso da responsabilidade por comportamentos que são resultado de hábitos repassados pelos adultos que os acompanham. O que não pode ser considerado positivo é o tutor anular a criança.

A representação da criança como um sujeito que tem pouca maturidade para desenvolver uma conversa produtiva está atrelada à falta de preparação do jornalista. É notório que o repórter não está preparado para conversar com crianças. Isso se torna muito evidente a partir da análise da FD7. Existe uma falta de preparo para fazer perguntas que compreendam a criança como alguém que pode ter pensamento crítico, de modo que possa ser construída uma relação mais honesta do jornalismo com esse público. Por fim, foi possível perceber que as crianças podem ser enquadradas em dois grandes eixos de sentido: a criança cidadã (que têm seus direitos respeitados) e a criança não-cidadã (que não é realmente incluída socialmente).

Destaco dois pontos deste trabalho que chamaram a minha atenção, o primeiro tem relação com o tipo de telejornal que mais aparece dentro do corpus. São noticiários transmitidos no horário do almoço, ou pela manhã. E vejo aqui, talvez, uma possibilidade de continuidade para esta pesquisa, para tentar compreender por que esse estilo de noticiário explora mais fontes infantis que outros. Ou, em qual faixa de horário são publicadas mais reportagens com temáticas da infância. A resposta para parte dessas perguntas poderia ajudar a compreender melhor os padrões invisíveis que a sociedade segue. O outro ponto é o assunto de maior incidência no período: a vacinação. As datas escolhidas para a análise do corpus levaram em consideração o período de voltas às aulas e o período de vacinação. No entanto, apenas uma reportagem abrange o tema educação, e o foco dessa pauta não está concentrado na volta às aulas, mas no atraso da alfabetização das crianças.

É uma surpresa para mim que o resultado dessa pesquisa não tenha nenhuma FD que se refere a criança estudante. Era algo que eu acreditava que seria um marcador social forte, devido a escolha do período da análise, que coincidia com o período de volta às aulas. Como já dito nos procedimentos de análise, havia na triagem da escolha do corpus outras matérias com o tema educação, portanto não se pode dizer que esse assunto teve pouca cobertura da imprensa, entretanto, esses materiais tinham um tempo de duração menor que quatro minutos – o que certamente impediria uma participação mais qualificada de qualquer fonte –, ou não usavam crianças como fonte e, por isso, não fizeram parte do corpus. Quanto às imagens utilizadas, são sincronizadas com a narração do repórter ou com a fala das fontes, dando ambientação e complementando o que está sendo dito, por muitas vezes, ultrapassando o texto.

Posso concluir que esse trabalho demonstrou que as crianças raramente são encaradas como fontes principais de uma pauta. Além disso, são tratadas de forma diferenciadas em relação a outras fontes, visto a sequência de fatores encontrados na análise: a falta de identificação nas matérias, a formatação das perguntas feitas pelo repórter e o tempo de fala concedido.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, Thais Oliveiras. As Representações da Infância: seus conceitos e impactos na condição sociocultural. **Revista Científica Indexada Linkania Júnior**, [S. l.], ano 2, n. 3, p. 1-9, 1 jul. 2012. Disponível em: <https://linkania.org/master>. Acesso em: 18 jun. 2023.

BARROS, Lúcio Alves de. Cidadania como sentimento. **Revista Educação Pública**, [s. l.], p. 1-2, fev. 2012.

BENETTI, Marcia. Análise do Discurso em Jornalismo: estudo de vozes e sentidos. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia (org). **Metodologias de Pesquisa em Jornalismo**. Petrópolis: Vozes 2007

BENICIO, Jeff. **Brasileiro fica 8 horas por dia diante da TV na quarentena**. 2020. Disponível em: <https://www.terra.com.br/diversao/tv/blog-sala-de-tv/brasileiro-fica-8-horas-por-dia-di-ante-da-tv-na-quarentena,737ff5fd87d993fd68ed1e69e93a3546ax205sae.html>. Acesso em: 07 ago. 2022.

BERBICK, Caroline. **Profissão repórter e a construção da infância**: a idealização, a marginalização e o senso comum. 2012. 70 f. TCC (Graduação) - Curso de Jornalismo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

BUCHT, Catharina; VON FEILITZEN, Cecília. **Perspectivas sobre a criança e a mídia**. Brasília: Unesco, 2002. 316 p.

CARVALHO, Carlos Alberto de. Sobre limites e possibilidades do conceito de enquadramento jornalístico. **Contemporanea Revista de Comunicação e Cultura**, Ouro Preto, v. 7, n. 2, p. 1-15, 27 mar. 2010.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias** São Paulo, Contexto, 2013, 285 p.

COUTINHO, I.; MUSSE, C. Telejornalismo, Narrativa e Identidade: a construção dos desejos do Brasil no Jornal Nacional. **Revista Alterjor**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 1-16, 2012. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/88191>. Acesso em: 17 jul. 2023.

DELORME, Maria Inês de Carvalho. **Domingo é dia de felicidade**: as crianças e as notícias. 2008. 171 f. Tese (Doutorado) - Curso de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp076367.pdf>. Acesso em: 29 ago. 2022.

DORETTO, Juliana; FURTADO, Thaís. O NOTICIÁRIO NÃO CABE NA VIDA DAS CRIANÇAS, MAS NÃO POR VONTADE DELAS. **Revista Eletrônica de Jornalismo Científico**, [s. l.], v. 1, n. 233, p. 1-2, 2 mar. 2022. Mensal. Disponível em: <https://www.comciencia.br/o-noticiario-nao-cabe-na-vida-das-criancas-mas-nao-por-vontade-delas/>. Acesso em: 29 ago. 2022.

DORETTO, Juliana; CLEMENTE, Sabrina Cancoro Generali. Consumo de notícias por crianças durante a pandemia da Covid-19. **Revista Contracampo**, [S.L.], v. 40, n. 3, p. 1-21, 30 dez. 2021. Pro Reitoria de Pesquisa, Pós Graduação e Inovação - UFF. <http://dx.doi.org/10.22409/contracampo.v40i3.51097>.

FURTADO, Thais Helena et al. A inclusão e a exclusão da voz das crianças na Revista Veja. **Revista Interamericana de Comunicação Midiática**, Santa Maria, v. 21, n. 45, p. 133-153, 2022.

FURTADO, Thaís; DORETTO, Juliana. O “menino negro” da foto: a produção de sentidos nos comentários dos leitores do El País. **Brazilian Journalism Research**, v. 15, n. 1, p. 152-179, abr. 2019.

FURTADO, Thaís Helena. **O jornalismo infantil e o desejo de consumo: o discurso da revista recreio**. 2013. 238 f. Tese (Doutorado) - Curso de Jornalismo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

GADRET, Débora Lapa. **A emoção na reportagem de televisão: as qualidades estéticas e a organização do enquadramento**. 2016. 189 f. Tese (Doutorado) - PPGCOM, UFRGS, Porto Alegre, 2016.

GEHRKE, Marília. **O uso de fontes documentais no jornalismo guiado por dados**. 2018. 130 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Jornalismo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018. Cap. 2.

GIACHINI, Alessandra Cristina Bolfe; LEÃO, Andreza Marques de Castro. Relação de gênero na educação infantil: apontamentos da literatura científica. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, [S.L.], v. 11, n. 3, p. 1409-1422, 30 set. 2016. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*. <http://dx.doi.org/10.21723/riaee.v11.n3.9038>.

GOMIS, Lorenzo. Os interessados produzem e fornecem os fatos. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Santa Catarina, v. 1, n. 1, p. 102-117, 2004.

GONÇALVES, Telmo. A abordagem do enquadramento nos estudos de Jornalismo. **Caleidoscópio: Revista de Comunicação e Cultura**, 2005.

HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn; SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

HALL, Stuart. **Da diáspora**. Belo Horizonte: UFMG, 2003 (p. 387 a 404).

JOROSKY, Narda Helena; BARROS, Flavia Cristina Oliveira Murbach de. Covid-19 na voz das crianças: impactos e desafios. **Climacom Cultura Científica: Pesquisa, jornalismo e arte**, [s. l.], v. 18, n. 7, p. 69-82, ago. 2020.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2005. 189 p.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. Vocabulário de psicanálise. Direção: Daniel Lagache. Tradução: Pedro Tamen. 2. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1992.

LIMA, Álida Fernanda Pereira Rocha de.; FERREIRA, Bruna Milene. A GERAÇÃO NASCIDA NA ERA DIGITAL: A CIBERDEPENDÊNCIA NA INFÂNCIA. **Revista Acadêmica Educação e Cultura em Debate**, Aparecida de Goiânia, v. 8, n. 2, p. 22-29, jul./dez. 2022. Anual.

MACHADO, Carolina da Costa Monteiro. **A Construção de Valores e Identidades do Universo Infantil na Televisão Brasileira.** 2011. 88 f. TCC (Graduação) - Curso de Jornalismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

MARÔPO, Lídia. Crianças como fonte de informação: um desafio de inclusão para o jornalismo. **Vozes e Diálogo**, Itajaí, v. 14, n. 2, p. 5-17, jul. 2015.

MARTINS, Eduardo de Carvalho; VIANA, Cassio Vinícius Afonso. Representação da infância e representatividade infante: posições ético-políticas. **Psicol. clin.**, Rio de Janeiro, v. 32, n. 1, p. 151-172, abr. 2020. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652020000100008&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 18 jun. 2023. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pc/v32n1/08.pdf>

MICHAELIS, Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa. 2023. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/fonte/> Acesso em: 13 de set. de 2023.

MORIGI, Valdir José; ROSA, Rosane. **Mídia e representações da infância: narrativas contemporâneas.** 2. ed. Curitiba: Champagnat, 2007. 179 p.

MOSCOVICI, Serge **Representações sociais: investigações em psicologia social / Serge Moscovici: editado em inglês por Gerard Duveen: traduzido do inglês por Pedrinho A. Guareschi.** 5ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007

NASCIMENTO, Claudia Terra do; BRANCHER, Vantoir Roberto; OLIVEIRA, Valeska Fortes de. A Construção Social do conceito de infância: uma tentativa de reconstrução histográfica. **Linhas**, Florianópolis, v. 9, n. 1, p. 04-18, jun. 2008.

NEVEU, Érik. **Sociologia do Jornalismo.** Paris: Porto Editora, 2005. 216 p.

NIEHUES, Mariane Rocha; COSTA, Marli de Oliveira. CONCEPÇÕES DE INFÂNCIA AO LONGO DA HISTÓRIA. **Revista Técnico Científica (Ifsc)**, Santa Catarina, v. 3, n. 1, p. 284-289, 2012.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios & procedimentos.** 10. ed. Campinas, SP: Pontes, 2012. 100 p. ISBN: 9788571131316

PONTE, Cristina. **Crianças em notícia: a construção da infância pelo discurso jornalístico.** Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2005

Quais são os termos mais apropriados para se referir a crianças e adolescentes, quando se tem em vista a preservação de seus direitos?, **Agência de Notícias dos Direitos da Infância**. 2023. Disponível em: <https://andi.org.br/dicasparacobertura/quais-sao-os-termos-mais-apropriados-para-se-referir-a-criancas-e-adolescentes-quando-se-tem-em-vista-a-preservacao-de-seus-direitos/> Acesso em: 13 de set. de 2023.

QUEIROZ, N. L. N. DE.; MACIEL, D. A.; BRANCO, A. U.. Brincadeira e desenvolvimento infantil: um olhar sociocultural construtivista. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, v. 16, n. 34, p. 169–179, maio 2006.

REGINATO, Gisele Dotto. **As finalidades do jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2019. [Capítulo 4, “As finalidades do jornalismo”, p. 221 a 246]

RIBEIRO, D. **O que é: lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017. 111 p.

ROCHA, V.; AMARANTE, W. **Quem fala quando o assunto é criança e adolescente**: uma análise do uso das fontes de informação pelos jornalistas. Universidade Federal de Sergipe. Brasil, 2005. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/146769461995296217562791055331252521410.pdf>

SCHMITZ, Aldo Antonio. **Fontes de notícias**: ações e estratégias das fontes no jornalismo / Aldo Antonio Schmitz. - Florianópolis: Combook, 2011.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo** Porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2004. 224p.

UNICEF, **Impacto da covid-19 na saúde mental de crianças, adolescentes e jovens é significativo, mas somente a 'ponta do iceberg'** – UNICEF. 2021. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/impacto-da-covid-19-na-saude-mental-de-criancas-adolescentes-e-jovens>. Acesso em: 07 ago. 2022.

UNICEF, **Perdas de aprendizagem com a covid-19 podem custar a esta geração de estudantes quase US\$ 17 trilhões em ganhos durante a vida**. 2021. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/perdas-de-aprendizagem-com-covid-19-podem-custar-a-esta-geracao-de-estudantes-ganhos-durante-a-vida>. Acesso em: 07 ago. 2022.
https://cedecaceara.org.br/wp-content/uploads/2019/08/cristina_ponte.pdf